

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Josiane de Almeida Ribeiro

**Ensinar, ensinando a ensinar: Sociologia como lugar de aprendizagem da
docência, a partir de um olhar etnográfico**

Tramandaí

2023

Josiane de Almeida Ribeiro

Ensinar, ensinando a ensinar: Sociologia como lugar de aprendizagem da docência, a partir de um olhar etnográfico

Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para obtenção de título em Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Felipe José Comunello

Coorientador: Prof. Dr. José Luis Abalos Júnior

Tramandaí

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Josiane de Almeida
Ensinar, ensinando a ensinar: Sociologia como lugar
de aprendizagem da docência, a partir de um olhar
etnográfico / Josiane de Almeida Ribeiro. -- 2023.
75 f.
Orientador: Felipe José Comunello.

Coorientador: José Luis Abalos Júnior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais,
Tramandai, BR-RS, 2023.

1. Ensino de Sociologia. 2. Etnografia. 3.
Sociologia. 4. Sociologia no Ensino Médio. I.
Comunello, Felipe José, orient. II. Abalos Júnior,
José Luis, coorient. III. Título.

Josiane de Almeida Ribeiro

**Ensinar, ensinando a ensinar: Sociologia como lugar de aprendizagem da
docência, a partir de um olhar etnográfico**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi analisado e julgado adequado para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Felipe José Comunello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Olavo Ramalho Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Ma. Natana Alvina Botezini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – *Campus* de Bento Gonçalves, que generosamente me acolheram e tornaram esta pesquisa possível.

Aos professores Felipe José Comunello e José Luis Abalos Júnior que fizeram parte da orientação deste trabalho ao longo do semestre. Ao professor Leandro Raizer e à professora Natana Alvina Botezini que não me deixaram desistir da ideia deste trabalho, ainda quando este ainda era um projeto inicial.

Aos colegas da Sicredi Serrana, que foram incríveis durante todo esse ano, possibilitando que eu me dedicasse ao estudo, sendo imensamente compreensíveis e positivos, mesmo diante dos meus períodos de ausência.

À minha família que esteve presente e me apoiando, desde o dia em que fui aprovada no curso, até esta etapa final. Em especial à minha mãe Ieda, que me deu todo suporte para que eu concluísse este trabalho. Ao meu pai Amilton que também é professor e serviu de base para a minha prática docente. Ao meu querido afilhado Gabriel, por ser minha fortaleza e inspiração.

Aos meus amigos que, longe ou perto, me acompanharam nesses quatro anos, ouvintes atentos sobre Sociologia e os desafios da profissão. Em especial, agradeço a amizade de Greici, Priscila, Maicon, Giorgia e Caroline.

Aos colegas do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, que mesmo durante a pandemia, estiveram presentes e preocupados com o bem-estar e a vida acadêmica de todos e todas.

*“Quem ensina aprende ao ensinar e
quem aprende ensina ao aprender”*

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa investiga o que motiva docentes e adolescentes a se envolverem no estudo da Sociologia no Ensino Médio. Diante da impermanência da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo escolar brasileiro, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul, no *Campus* de Bento Gonçalves, mantém a disciplina em seu currículo e reconhece no componente os seus diferenciais enquanto ciência. Para isso, foi realizado um estudo etnográfico no Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes, promovido pelo IFRS. A pesquisa qualitativa se concentrou em acompanhar bolsistas e professores da edição de 2022 do Projeto, a fim de se traçar um perfil de todos esses atores. Busca-se identificar se é possível criar espaços para o estudo amplo da Sociologia, ao mesmo tempo em os professores oportunizam uma vivência de docência aos bolsistas.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Etnografia. Sociologia. Sociologia no Ensino Médio.

ABSTRACT

This research explores what motivates teachers and teenagers to get involved in the study of Sociology in High School. Faced with the impermanence of Sociology as a mandatory subject in the Brazilian school curriculum, the Federal Institute of Rio Grande do Sul, at the Bento Gonçalves Campus, maintains the subject in its curriculum and recognizes on the component its differentials as a science. For this, an ethnographic study was carried out in the Sociology Teaching Project for Teenagers, promoted by IFRS. The qualitative research focused on accompanying students in training and professors in the 2022 edition of the Project, in order to draw a profile of all these actors. The goal is to identify whether it is possible to create spaces for the broad study of Sociology, at the same time that professors provide an experience of teaching to students in training.

Keywords: Teaching of Sociology. Ethnography. Sociology. Sociology in High School.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 Sociologia: um saber necessário | 14 |
| 1.1 A Sociologia da Educação como base | 14 |
| 1.2 A impermanência da Sociologia no Ensino Médio Brasileiro..... | 16 |
| 1.2.1 Sociologia e adolescência: uma relação | 18 |
| 1.3 A trajetória da pesquisa..... | 21 |
| 2 Os docentes de Sociologia em sua essência | 25 |
| 2.1 A experiência de uma carreira desviante | 26 |
| 2.2 Um professor desde sempre | 29 |
| 2.3 Ponto de vista: o IFRS e duas perspectivas..... | 32 |
| 3 Olhar etnográfico: a Sociologia na escola | 35 |
| 3.1 Observando o grupo e seus atores | 36 |
| 3.2 Os ensaios para docência | 41 |
| 3.3 Professoras por um dia | 45 |
| 4 Aprender a ensinar | 50 |
| 4.1 Reflexões sobre a metodologia | 53 |
| 4.2 O desafio de avaliar | 56 |
| 4.3 Impressões após a jornada | 57 |
| 4.4 O Projeto e o futuro: outras possibilidades..... | 59 |
| 5 De pesquisadora a professora: minha prática docente | 62 |
| CONCLUSÃO | 70 |
| REFERÊNCIAS | 74 |

INTRODUÇÃO

O Ensino da Sociologia no Brasil enfrenta uma série de dificuldades, com constantes desafios que envolvem, não só a escola, corpo docente e estudantes, como o governo federal. Após quase 40 anos, a sociologia foi incorporada novamente ao currículo do Ensino Médio: em junho de 2008, a Lei nº 11.684 tornou obrigatório o ensino de sociologia e filosofia. As duas disciplinas haviam sido retiradas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica. (MOCELIN; RAIZER, 2014). No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi alterada por meio da Lei 13.415, de fevereiro de 2017. A alteração estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola, atualizando a grade curricular e direcionando o ensino para uma formação profissional.

O Novo Ensino Médio foi dividido em duas partes: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de caráter obrigatório e que deverá nortear os currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil; e Itinerários Formativos (Trilhas de Aprendizagem), que consiste em um conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, escolhidos pelos alunos. Com isso, o estudante pode escolher se aprofundar em uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), seguir por uma formação técnica e profissional (FTP) ou unir duas ou mais áreas e a FTP. As escolas, por sua vez, terão autonomia para definir quais itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar.

Aprovada em 2017, a implantação do Novo Ensino Médio começou a ser obrigatória a partir do ano letivo de 2022, com mudanças graduais realizadas por série – o cronograma do governo inicia pelo 1º ano do Ensino Médio com implantação da BNCC e segue com previsão de conclusão em 2024. A mudança tem como objetivo garantir a oferta de educação de qualidade aos jovens brasileiros, ao mesmo tempo que pretende aproximar as escolas da realidade dos estudantes, considerando novas demandas, complexidades do mundo do trabalho e a vida em sociedade.

Portanto, no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. (BRASIL, 2018, p. 561).

A Sociologia da Educação serve de base estrutural e norteadora deste projeto. É possível pensar que tudo já foi dito, analisado ou discutido sobre o assunto. Ao considerarmos o volume de artigos, estudos e livros sobre o tema, podemos perceber que todos, desde os mais pioneiros até os contemporâneos, contribuíram para uma área em constante desenvolvimento, atualização e desafios que, superados ou não, apontam cada vez mais no cenário atual. A partir da Sociologia da Educação, este trabalho volta-se para o Ensino da Sociologia no Ensino Médio e as dificuldades que atravessam professores, alunos e comunidade escolar.

Se a Sociologia é um meio de se pensar a realidade social, abordando relações, processos e estruturas sociais, no Ensino Médio ela tem entre alguns objetivos, o de provocar o estranhamento e promover a imaginação sociológica¹. Seu papel vai além, ao ensinar o que é a desnaturalização e a tomada de consciência dos fenômenos sociais, trabalhando com a complexidade do ser humano e as estruturas sociais. O aluno passa a refletir sobre desigualdade social, diferentes culturas, políticas do meio social, compreendendo, ainda, a importância da pesquisa científica. As ideias de Anthony Giddens ajudam na definição e significados da Sociologia. “A Sociologia debruça-se sobre as nossas vidas e o nosso próprio comportamento, e estudar-nos a nós próprios é a mais difícil e complexa tarefa que podemos empreender”. (GIDDENS, 2012).

A experiência do estágio curricular obrigatório, realizado no primeiro semestre de 2022, foi determinante para a escolha do meu trabalho de campo atual. Ao buscar escolas estaduais, situadas no município de Bento Gonçalves, para realizar a experiência de observação de docência, recebi três negativas. Em uma delas fui recebida pela diretora, mas a professora que ministrava a disciplina não quis abrir espaço em nenhuma de suas turmas. Acredito que isso se deva ao fato de que a professora possuía formação em Geografia e estava assumindo pela primeira vez a disciplina de Sociologia. Outras escolas também se mostraram pouco abertas para

¹ Expressão famosa criada pelo autor americano C. Wright Mills, em 1970. Segundo ele, imaginação sociológica significa olhar o quadro mais amplo, cultivar a nossa imaginação. Dessa forma, nos afastamos do nosso pensamento e das rotinas, para enxergar-las como algo novo. (GIDDENS, 2012).

realização de estágio, mencionando alguns problemas como incompatibilidade de horários, o início do Novo Ensino Médio, fase de readaptação dos estudantes ao modelo presencial de ensino e restrições da pandemia. Após estas negativas das instituições estaduais, entrei em contato com o Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* de Bento Gonçalves, onde fui bem recebida, tanto pela coordenação de ensino como pelos professores.

Assim, o ponto de partida deste trabalho se dá durante as observações do primeiro estágio curricular, realizado de maio a julho de 2022 no IFRS de Bento Gonçalves, como requisito obrigatório para conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Durante o período, foi possível conviver com alunos de Sociologia interessados, curiosos, questionadores e com muita autonomia, que circulam em um *campus* com boa infraestrutura, tecnologia, corpo docente e com acesso livre à pesquisa, educação e cultura.

Entre as atividades que acontecem no *campus*, descobri o projeto Ensino de Sociologia para Adolescentes criado em 2017. O programa consiste em um projeto de extensão para estudantes que buscam aprofundar o conhecimento sobre o ensino da Sociologia no Ensino Médio. Em junho de 2022, o programa iniciou com total de 6 bolsistas e cronograma de encontros semanais de 1 hora, em período do contraturno escolar. Entre as atividades desenvolvidas no projeto, está a discussão de textos, uma leitura de livro escolhido pelo grupo, debates temáticos e, mais próximo do final, uma experiência de docência dos alunos – cada bolsista escolhe um tema dentro do cronograma do trimestre, estrutura um plano de aula e ministra uma aula para turmas de Ensino Médio, durante o período de Sociologia. Além de ensinar ou aprender Sociologia em sala de aula, no currículo regular, alunos e docentes se propõem a um estudo extra de Sociologia no Ensino Médio.

Diante de todas as adversidades que permeiam a Sociologia no Ensino Médio, o que ainda motiva professores de Sociologia a continuarem ensinando e incentivando a pesquisa e o pensamento crítico entre adolescentes do Ensino Médio? Mais do que ensinar Sociologia, é possível ensinar estudantes a ensinarem Sociologia, criando um ecossistema de cooperação, cocriação e permanente interação de ensino-aprendizagem?

O objetivo geral deste trabalho esteve em investigar o que motiva docentes e adolescentes no estudo da Sociologia no Ensino Médio. Para chegar neste objetivo, a pesquisa se concentrou em buscar os motivos que impulsionam professores no

ensino da Sociologia no Ensino Médio diante do cenário atual, bem como conhecer mais de suas carreiras, vivência e currículo, a fim de traçar um breve perfil dos docentes de Sociologia no campo analisado. Além disso, busquei listar as motivações que envolvem os alunos que escolheram ampliar o estudo de Sociologia e suas percepções sobre a disciplina no Ensino Médio. Foi possível investigar se é possível, em pouco tempo, alunos aprenderem a dar uma aula de Sociologia, observando de que forma as práticas de ensino e aprendizagem ocorreram e como o projeto de Sociologia impactou a vida de alunos e professores.

Para isso, foi realizada uma pesquisa etnográfica junto ao projeto Ensino de Sociologia para Adolescentes, no período de 15 de setembro a 8 de dezembro de 2022. Diante disso, a pesquisa se apoiou na metodologia qualitativa, entre elas o método de etnografia, para acompanhar o grupo do projeto deste ano. A realização da etnografia teve como base a observação participante e o levantamento de hipóteses que auxiliaram o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa *in loco* se tornou indispensável, pois o caráter do trabalho é inédito, ou seja, não há pesquisas que abordam e analisam o projeto em sua profundidade. Com isso, busquei assumir papel ativo nas atividades propostas pelo grupo, visando ampliar as percepções sobre a construção do conhecimento.

A etnografia foi complementada com entrevistas semiestruturadas com os estudantes participantes e os docentes envolvidos. A escolha do método se deu a fim de conferir mais liberdade tanto ao pesquisador quanto aos entrevistados. A finalidade da entrevista esteve em ampliar o conhecimento, a partir de conversas acessíveis e adaptadas aos indivíduos entrevistados, para reunião de respostas aos objetivos propostos. Com os alunos bolsistas do projeto, o formato de entrevista realizado foi o de entrevista não-diretiva. Entre outros métodos, esse permite um conteúdo sócio-afetivo profundo, permitindo que eu tivesse acesso a informações que não poderiam ser atingidas de forma direta. Como afirma Michelat (1980), o recurso da entrevista não-diretiva tem como foco contornar o cerceamento das entrevistas por questionários com perguntas fechadas que representam o polo extremo da diretividade. A liberdade estabelecida e deixada ao entrevistado, facilitou a produção de informações sintomáticas, com informações que correspondem a um nível mais profundo.

O trabalho foi organizado e dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, busco retomar conceitos e referenciais teóricos sobre Sociologia e sobre o Ensino de Sociologia, assim como a Sociologia da Educação. Além disso, neste primeiro

capítulo, situo o Ensino de Sociologia no Brasil e em especial no Ensino Médio, apresentando seu percurso no currículo escolar e as questões que envolvem no Novo Ensino Médio no país.

O segundo capítulo é dedicado a refletir sobre o perfil dos docentes de Sociologia do IFRS *campus* Bento Gonçalves, especialmente no que envolve a escolha do campo acadêmico e as motivações que envolvem o Ensino de Sociologia. Para isso, apresento a história dos dois professores analisados, mencionando suas trajetórias acadêmicas, interesses e ponto de vistas sobre o exercício de docência. No capítulo é possível conferir o que pensam os professores, ao mesmo tempo em que se faz uma análise do discurso. Ao identificar o perfil dos professores e elencando o que os motiva a continuar na docência, é possível criar um paralelo com os estudantes, e analisar se a fala dos professores podem ser verificadas na prática.

No terceiro capítulo é realizada a etnografia na escola. A partir da etnografia participante, foi possível reunir neste capítulo uma descrição aprofundada de quem são os estudantes bolsistas que participam do projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes. Nesta etapa, faço uma descrição densa de vivência do grupo, acompanhando o cotidiano dos encontros semanais, inseguranças, desafios, descobertas, assim como os desafios de conciliar vida pessoal, acadêmica e extracurricular. No quarto capítulo, trago os elementos que motivam os adolescentes e ampliar os conhecimentos de sociologia e se desafiarem a passar por uma experiência de docência de Sociologia. Nesta parte, três bolsistas falam sobre o que sentiram ao dar uma aula de Sociologia e serem professoras por um dia. O final do capítulo também traz a avaliação dos professores envolvidos no Projeto sobre o desempenho do grupo de bolsistas e as perspectivas para o futuro.

Por fim, trago a minha narrativa e experiência de docência na disciplina de Sociologia no Ensino Médio, a partir do Estágio Curricular Obrigatório II. Durante as 24 horas/aula de regência, complementadas pelo período de acompanhamento e pesquisa etnográfica na escola, pude dividir muitos dos sentimentos que os alunos bolsistas experimentaram durante o projeto. Dessa forma, finalizo refletindo sobre a oportunidade de ter visto e vivenciado materializada a pesquisa no Ensino Médio e a Sociologia exercendo seu papel de transformação na vida de vários adolescentes, docentes e futuros docentes.

1 Sociologia: um saber necessário

Como mencionado na introdução, esta pesquisa nasce a partir das observações do ambiente escolar realizadas no Estágio I. Ao estar imersa na sala de aula, convivendo com estudantes do Ensino Médio e acompanhando as atividades desenvolvidas no *campus* de Bento Gonçalves do IFRS, percebi que a área das humanidades era valorizada e ganhava espaço entre os adolescentes. Neste contexto, é inevitável pensar sobre a Sociologia e as Ciências Sociais em uma perspectiva mais ampla, considerando os desafios e a desvalorização atual do campo e do fazer docente.

A partir disso, neste capítulo, dedico algumas páginas para caracterizar a Sociologia e construir um breve panorama da sua aplicação e função no Ensino Médio. Além disso, é possível abrir espaço para discorrer sobre o Novo Ensino Médio no Brasil e refletir sobre o papel da disciplina entre adolescentes. Se de um lado temos a desvalorização da Sociologia como elemento curricular, por outro observamos a disciplina ocupar um espaço fundamental na vida de estudantes. Passo, então, a fazer um recorte destes componentes que serão apropriados a esta pesquisa, especialmente sobre a importância da Sociologia entre os jovens.

1.1 A Sociologia da Educação como base

O sociólogo francês, Émile Durkheim (1975), é considerado precursor da Sociologia da Educação, ao buscar entender o funcionamento das sociedades modernas. Para ele, a Sociologia está envolvida na função do sistema de valores na organização da vida coletiva e na manutenção da coesão social, com foco no papel das instituições sociais que se dão a partir do sistema de valores, leis, economia, moral e a própria educação.

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM, 1975, p. 49).

Segundo Durkheim, a educação realizada em uma determinada sociedade, em certo período da sua evolução, consiste em um conjunto de práticas, modos de fazer e costumes que acabam por constituir fatos definidos. Sendo assim, a educação acaba sendo exercida entre gerações, sempre com o objetivo de adaptar indivíduos ao meio social.

Por outro lado, todas as práticas educativas, quaisquer que possam ser e qualquer que seja a diferença que entre si demonstrem, apresentam um caráter comum e essencial: resultam todas da ação exercida por uma geração sobre a geração seguinte, com o fim de adaptá-la ao meio social em que esta última está chamada a viver! Todas são, pois, modalidades diversas dessa relação fundamental. São fatos duma mesma espécie, competem à mesma categoria lógica; podem servir, portanto, de objeto a uma só e mesma ciência, a ciência da educação. (DURKHEIM, 1975, p. 62).

Ao discorrer sobre a Sociologia, cultura e sociedade, Moreira (2002) salienta a emergência de uma abordagem sociológica e crítica do currículo. Nos Estados Unidos, o processo se originou e desenvolveu; e na Inglaterra, pela primeira vez o currículo foi eleito como foco central da Sociologia da Educação. (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 8). Após a Guerra Civil, a economia americana é fortemente influenciada pelo capital industrial e o sucesso na vida profissional passa a exigir evidências de mérito na trajetória escolar, fazendo surgir novas credenciais para o sucesso. Por isso, a escola passou a considerar o currículo como instrumento do controle social que se buscava estabelecer. “A escola foi, então, vista como capaz de desempenhar papel de relevo no cumprimento de tais funções e facilitar a adaptação das novas gerações às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorriam”. (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 10).

Na Inglaterra, os sociólogos do Departamento de Sociologia da Educação do Instituto de Educação da Universidade de Londres são os responsáveis por conceber a Sociologia da Educação como uma sociologia do currículo, que pertence ao conhecimento escolar, sendo reconhecida como Nova Sociologia da Educação (NSE). (MOREIRA; SILVA, 2002, p. 17).

Esses autores norte-americanos e ingleses acabam influenciando o pensamento curricular brasileiro, a partir do século XX, a fim de se construir um sistema educacional brasileiro, importando ideias, teorias e modelos pedagógicos.

De qualquer maneira, pode-se observar que as teses de Durkheim dominam amplamente a paisagem educacional brasileira das últimas décadas, apresentando uma visão das mais serenas das funções da escola: uma escola que integra as novas gerações, que permite o acesso de todos aos saberes universais, que seleciona e promove os melhores, que prepara para ocupar um determinado lugar na divisão do trabalho, que promove a ascensão individual e a social. Preconiza-se, ainda, uma escola democrática, mas meritocrática. (VALLE, 2014, p. 90).

Para Valle (2014, p. 102), refletir sobre os saberes escolares pode colocar em dúvida o projeto de socialização que a escola está efetivando depois de muito tempo. Dessa maneira, a socialização não poderia se restringir ao processo de interiorização, pois as próprias crianças e jovens se tornam os responsáveis e os atores da própria socialização. Neste sentido, a escola precisa considerar o sentido do conhecimento e das relações que se estabelecem a partir do saber, para orientar a seleção de conteúdo do currículo em meio a inúmeros saberes culturais.

Parece evidente que os cientistas sociais e os cientistas da educação enfrentam um importante desafio nesta virada de milênio: explicitar com fidedignidade o fato de que as desigualdades de escolarização são produzidas fora da escola, no seu interior e por que processos. Entendemos, assim, que uma “sociologia dos saberes escolares” (aberta a múltiplas perspectivas teóricas) tem o mérito de declinar a tendência – ainda muito presente no magistério – a aceitar como normais – se não naturais – os resultados indesejáveis das práticas pedagógicas, sobretudo aquelas concretizadas em contextos desiguais, multiculturais, atravessados por interesses contraditórios. (VALLE, 2014. p. 103).

1.2 A impermanência da Sociologia no Ensino Médio Brasileiro

No Brasil, o papel da sociologia no Ensino Médio é um problema em debate desde os anos de 1940. Em um breve recorte histórico, é possível observar que a Sociologia brasileira tem como marco de sua institucionalização nas escolas o ano de 1924, após ser introduzida no programa de ensino do Colégio Pedro II, passando a ser disciplina regular do currículo do ensino secundário. O contexto da educação na época reivindicava a centralização do conteúdo escolar, dando origem ao Departamento Nacional do ensino, com função de regulamentar e fiscalizar a educação secundária e o ensino superior. Foi se constituindo, na década de 1920, uma percepção de crise exigente de reformas, reações e revoluções, tanto políticas, iconográficas, educacionais e urbanas.

Na década de 1930, a Sociologia no Brasil passa por sua institucionalização acadêmica, a partir da criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e da instituição da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Esse movimento marca a Sociologia Científica no Brasil, com ápice no final dos anos de 1950. Logo em seguida, em 1942, a Reforma Capanema acaba com a obrigatoriedade do ensino de Sociologia na Escola Secundária, que passa a ser nomeada de Ensino Ginásial com duração de quatro anos. Já o Ensino Colegial oferece formação clássica ou científica, com duração de três anos. A reforma objetivava desvincular o Ensino Secundário do Ensino Superior, fazendo com que a Sociologia tivesse apenas caráter preparatório e não formativo.

As décadas seguintes foram centradas no ensino profissionalizando, ou seja, as disciplinas da área de Ciências Humanas, entre elas Filosofia e Sociologia, foram retiradas do currículo escolar. Neste período, a Sociologia praticada no país acabou por se preocupar com o processo de industrialização, reforma agrária e movimentos sociais. Durante a Ditadura Militar, de 1964 a 1985, o sistema educacional foi transformado e reorganizado, por isso o trabalho dos sociólogos também coloca luz nos problemas políticos e socioeconômicos originados pelo regime militar.

A Sociologia só retorna ao currículo escolar com a redemocratização da sociedade brasileira, a partir da década de 1980. A obrigatoriedade do ensino profissionalizante no 2º grau também é suspensa, o que possibilita o ensino de Sociologia como matéria optativa. Apenas em 2 de junho de 2008, é decretada e aprovada a Lei nº 11.684 pelo presidente da República em exercício, José Alencar Gomes da Silva, que altera o Art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e torna obrigatório o ensino de Sociologia na Educação Básica em todas as séries do Ensino Médio. Vale ressaltar que as duas disciplinas haviam sido retiradas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica. No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi alterada por meio da Lei 13.415, de fevereiro de 2017. A alteração estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola, atualizando a grade curricular e direcionando o ensino para uma formação profissional.

O Novo Ensino Médio foi dividido em duas partes: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de caráter obrigatório e que deverá nortear os currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil; e Itinerários Formativos (Trilhas de Aprendizagem), que consiste em um conjunto de

disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, escolhidos pelos alunos. Com isso, o estudante pode escolher se aprofundar em uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), seguir por uma formação técnica e profissional (FTP) ou unir duas ou mais áreas e a FTP. As escolas, por sua vez, terão autonomia para definir quais itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar. Aprovada em 2017, a implantação do Novo Ensino Médio começou a ser obrigatória a partir do ano letivo de 2022, com mudanças graduais realizadas por série – o cronograma do governo inicia pelo 1º ano do Ensino Médio com implantação da BNCC e segue com previsão de conclusão em 2024.

A mudança tem como objetivo garantir a oferta de educação de qualidade aos jovens brasileiros, ao mesmo tempo que pretende aproximar as escolas da realidade dos estudantes, considerando novas demandas, complexidades do mundo do trabalho e a vida em sociedade. Mas será que isso é suficiente? Quais serão os impactos da mudança? Apesar disso, é importante ressaltar que a reforma do Novo Ensino Médio foi implementada sem grande debate, sendo que muitos especialistas já sinalizam problemas futuros em função do retrocesso para um ensino tecnicista e o consequente aumento das desigualdades educacionais no país.

1.2.1 Sociologia e adolescência: uma relação

Apesar da fragilidade da Sociologia no contexto escolar, interessa-me em especial para essa pesquisa, o seu papel enquanto agente transformador e de influência entre adolescentes do Ensino Médio. Ileizi Luciana Fiorelli Silva (2007) diz que o papel da disciplina é algo em construção. Segundo ela, a falta de uma definição de identidade para a etapa do Ensino Médio no Brasil tem sido difícil em decorrência do descompromisso em relação aos trabalhadores por parte do governo.

Os argumentos para a inclusão da sociologia são os mais variados, mas dependem muito das concepções dominantes sobre educação, sociedade, estado e ensino. Pode-se observar que dessas concepções depreendem-se modelos de currículos muito distintos ao longo da história e o papel da sociologia vai se alterando no interior desses modelos em disputa. Os currículos são a materialização das lutas em torno de que tipo de educação os grupos sociais desejam implementar na sociedade. (SILVA, 2007, p. 408).

Como saber escolar, Silva (2007) afirma que a Sociologia pode sempre estar presente nos currículos em disciplinas como Geografia e História, mas como disciplina ela alimenta um lugar instável, aparecendo e reaparecendo, causando desconforto e incertezas. O papel da sociologia na formação dos adolescentes e dos jovens, segundo ela, irá depender do tipo de escola, de ensino médio e de currículo que estamos construindo. O quê e como ensinar estudantes seria a pergunta central que permeia a Sociologia no Ensino Médio.

Quero reafirmar que a sociologia deve fazer parte dos currículos, mas não de qualquer tipo de ensino médio ou de qualquer currículo. Pensar na sociologia no currículo de ensino médio, nos obriga a pensar antes de mais nada, na educação brasileira, no papel do ensino médio e na formatação de seus currículos. É uma tarefa fundamental para os cientistas sociais abrigados nos departamentos das universidades públicas. (SILVA, 2007, p. 423).

Giddens (2001) também ajuda a compreender esse lugar, mas primeiro define a Sociologia como o estudo da vida social humana, grupos e sociedades.

É uma tarefa fascinante e constrangedora, na medida em que o tema de estudo é o nosso próprio comportamento enquanto seres sociais. A esfera de ação do estudo sociológico é extremamente abrangente, podendo ir da análise de encontros casuais entre indivíduos que se cruzam na rua até à investigação de processos sociais globais. (GIDDENS, 2001, p.2).

Além disso, outro aspecto que chama atenção na teoria de Giddens é que “a sociologia tem algo capaz de causar polêmicas jamais geradas por outras disciplinas acadêmicas”. (GIDDENS, 2001, p. 11). É uma verdade! Ao realizar uma verdadeira defesa da sociologia, o autor afirma que a reflexão sociológica ocupa um papel central para a compreensão das forças sociais que transformam a nossa vida diariamente. A vida social estaria recheada de novas incertezas, precisando da contribuição do pensamento sociológico com uma dose extra de criatividade. Mas Giddens também é otimista ao dizer: “Sociólogos, não se desesperem! Vocês ainda têm um mundo inteiro a conquistar ou, ao menos, a interpretar”. (GIDDENS, 2001, p.19).

É possível perceber como a Sociologia atua diretamente na formação da autonomia dos estudantes e na elaboração do pensamento crítico, ao incentivar a pesquisa e a análise sociológica. Seria, como diz Freire (1997), uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1997, p. 31).

Conforme Freire (1997, p. 25), “Ensinar não é transferir o conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção.” O autor indica que é preciso expulsar o opressor de dentro do oprimido. A partir desta lógica, a sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa ser substituída por sua autonomia e responsabilidade.

Salienta-se, contudo, que, não obstante a relevância ética e política do esforço conscientizador que acabo de sublinhar, não se pode parar nele, deixando-se relegado para um plano secundário o ensino da escrita e da leitura da palavra. Não podemos, numa perspectiva democrática, transformar uma classe de alfabetização num espaço em que se proíbe toda reflexão em torno da razão de ser dos faros nem tampouco num “comício libertador”. A tarefa fundamental dos Danilson entre quem me situou é experimentar com intensidade a dialética entre “a leitura do mundo” e a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1997, p. 43).

Cabe ressaltar a importância da pergunta que também faz parte da teoria de Freire (1985). Para ele, o professor precisa viver a pergunta com seus alunos, criar com os estudantes o hábito, como uma virtude, para que possam sempre “espantarse”. É a partir da pergunta que o estudante conseguiria se reconhecer, se ver como um ator da sociedade, fazendo perguntas que envolveriam a sua vivência dentro da escola, inicialmente, para em seguida conseguir agir, falar e conhecer. “É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão”. (FREIRE, 1985, p. 49).

Esse pensamento corrobora com o de Giddens (2001), pois para Freire, “o educando inserido num permanente processo de educação, tem de ser um grande perguntador de si mesmo.” (Freire, 1985, p. 51). A Sociologia, como disciplina no Ensino Médio, pode auxiliar nesse processo, pois permite um espaço para curiosidade, ou seja, permite automaticamente o ato de perguntar, sem lugar para repressão.

A existência humana é, porque se fez perguntando, à raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar. Exatamente, quando uma pessoa perde a capacidade de assombrar-se, se burocratiza. (FREIRE, 1985, p. 51).

1.3 A trajetória da pesquisa

Como mencionado inicialmente, este trabalho nasceu do objetivo de buscar compreender quais os motivos que envolvem docentes e estudantes no estudo da Sociologia no Ensino Médio. O ponto de partida se deu durante as observações do meu estágio curricular obrigatório, realizado desde maio de 2022 no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* de Bento Gonçalves. Conversando com a professora supervisora de estágio, descubro que, entre as atividades que acontecem no *campus*, está o Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes, criado e idealizado pela professora Aline, desde 2017. “O meu objetivo principal era dar um espaço maior para sociologia no *campus* e acho que eu consegui. Fiz um projeto pensando que os alunos pudessem pensar em metodologias de ensino”. O programa consiste em um projeto de extensão para estudantes que buscam aprofundar o conhecimento sobre o ensino da Sociologia no Ensino Médio.

A gente tem praticamente 40 anos em que a Sociologia fica fora do currículo escolar. Durante todo esse tempo, a produção acadêmica foi voltada para a universidade. Percebi que os materiais produzidos eram muito voltados para a academia. Minha ideia era analisar os livros didáticos, o que serve pra usar, o que está na linguagem adequada, fazendo isso com a ajuda dos alunos. A turma de 2019, por exemplo, escolheu o livro didático² de Sociologia que utilizamos até hoje. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Além disso, os alunos têm a oportunidade de se aproximar de temas sociológicos, entender o histórico da disciplina e pensar metodologias e formas de trabalho para serem aplicados na prática, oportunizando aos estudantes o entendimento do que é dar uma aula. “Em 2018, os próprios estudantes propuseram dar uma aula e eu acolhi essa ideia. Eles prepararam o tema e foram pra sala de aula. Aquela turma foi a primeira, gostei do processo e instituí para os próximos anos”.

No ano seguinte, em 2019, o projeto ganha o apoio do professor Daniel que estava iniciando suas atividades como docente no IFRS de Bento Gonçalves.

² SILVA, Afrânio; et. al., Sociologia em Movimento 1º, 2º e 3º Anos Ensino Médio. 2016

Eu tenho uma tendência de ser um pouco mais tradicional como professor, então algumas coisas ali naquele início me deixaram com um certo pé atrás. “O aluno dá aula, como é isso?”. Mas eu acho que o projeto tem um aspecto muito positivo que é de o próprio aluno sugerir estratégias didáticas. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Em 2020 e 2021 o projeto seguiu no formato online em função da pandemia. No ano de 2022, o programa retorna ao modelo presencial, iniciando em junho, com total de 6 bolsistas e cronograma de encontros semanais de 1 hora, em período do contraturno escolar. Entre as atividades desenvolvidas no projeto, está a discussão de textos, uma leitura de livro escolhido pelo grupo, debates temáticos e, mais próximo do final, uma experiência de docência dos alunos. Os próprios estudantes escolhem um tema, estruturam um plano de aula e ministram uma aula de Sociologia para uma das turmas do Ensino Médio.

Para acompanhar este processo, optei por realizar uma pesquisa etnográfica junto ao Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes. Diante disso, a pesquisa se apoia na metodologia qualitativa, entre elas o método de etnografia para acompanhar o grupo do projeto deste ano. A realização da etnografia teve como base a observação participante e o levantamento de hipóteses para auxiliar o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa *in loco* se torna indispensável pois o caráter do trabalho é inédito, ou seja, não há pesquisas que abordam e analisam o projeto em sua profundidade. Com isso, busco assumir papel ativo nas atividades propostas pela comunidade pesquisada, visando ampliar as percepções sobre a construção do conhecimento. Sobre o método etnográfico, compreende-se:

É um método bastante eficiente quando se procura compreender a dinâmica de grupos sociais e precisa-se de informações qualitativas para poder proceder à análise e interpretação destas informações, com vistas a esclarecer aspectos levantados pela questão de pesquisa e, eventualmente, pelas hipóteses previamente estabelecidas. (MAZUCATO, 2018, p. 57).

A etnografia foi complementada com entrevistas semiestruturadas com os estudantes participantes e os docentes envolvidos. A escolha do método se deu a fim de conferir mais liberdade tanto ao pesquisador quanto ao entrevistado. A finalidade da entrevista foi ampliar o conhecimento, a partir de conversas acessíveis e adaptadas, na busca de respostas aos objetivos propostos.

O plano de trabalho envolveu uma observação inicial no grupo do projeto, como forma de acompanhar a dinâmica e entender como ocorrem as atividades ao longo da edição. Assim como menciona Fernandes (1972), a observação nas Ciências Sociais acaba transcendendo a constatação de dados, mas envolve a complementação dos sentidos a partir de meios técnicos, constituindo um processo empírico para a descrição ou a interpretação dos fenômenos sociais. (FERNANDES, 1972, p. 7).

Nas pesquisas de campo é que a observação direta de ocorrências, formas de atuação social e situações de vida encontra larga aplicação. Contudo, mesmo nessa fase, a observação direta não se confunde com a mera “verificação” passiva do que ocorre no mundo ambiente. Não só o sujeito-investigador interage ativamente com os sujeitos-observados, como ele próprio orienta suas observações para centros de interesses criados pela situação de pesquisa. Além disso, a própria posição do investigador pode ser manipulada estrategicamente, com o fito de proporcionar-lhe perspectivas mais favoráveis à observação direta da realidade. (FERNANDES, 1972, p. 9).

Neste mesmo sentido, Malinowski (1965) destaca que o principal objetivo da pesquisa de campo não está apenas no registro dos fatos, mas na representação construtiva do que pode ser designado como uma instituição nativa, sendo que o pesquisador não deve ser apenas uma pessoa com uma câmera fazendo registros ou anotações de relatos.

Enquanto faz suas observações, o pesquisador de campo precisa construir constantemente: ele precisa colocar dados isolados em relação uns com os outros e estudar a maneira pela qual eles se integram. Falando-se paradoxalmente, pode-se dizer que os fatos não existem mais na realidade sociológica que na realidade física; isto é, eles não ficam expostos a olhos incultos, no contínuo espacial e temporal. Os princípios da organização social, da constituição legal, da economia e da religião têm que ser construídos pelo observador, a partir de uma multidão de manifestações de significação e relevância variáveis. São essas realidades invisíveis, cuja descoberta só pode ser feita pela computação indutiva, pela seleção e pela construção, que são cientificamente importantes no estudo da cultura. (MALINOWSKI, 1965, p. 317).

Para estar integrada ao grupo, iniciei o processo de etnografia e entrevistas, desde a observação dos encontros semanais até a parte da experiência de docência dos bolsistas. Esse processo durou cerca de três meses, em média 11 semanas, de 22 de setembro a 8 de dezembro de 2022. Aos poucos, na medida em que fui descobrindo e compreendendo um pouco mais sobre a proposta do Projeto, percebi grande potencial para pesquisa, interligando a minha vivência do Estágio II, de

regência de docência, com a experiência dos alunos bolsistas, “professores por um dia”. O estágio obrigatório de regência foi realizado também no IFRS de Bento Gonçalves, de agosto a dezembro de 2022. Tendo como perspectiva esse objetivo e o formato da pesquisa, é possível passarmos para o próximo capítulo.

A preservação da identidade dos participantes foi preservada neste trabalho. Por isso, todos os depoimentos e entrevistas são transcritas de forma anônima. Os nomes citados, ao longo de todo trabalho, tanto de docentes quanto de alunos, são fictícios.

2 Os docentes de Sociologia em sua essência

No primeiro capítulo, falo um pouco sobre o fazer docente a partir de um olhar da Sociologia no currículo do Ensino Médio. A partir de tantos desafios, é indispensável tentar compreender o que motiva professores a continuarem na prática do ensino e, sobretudo, criando maneiras de envolver alunos e promover um diálogo consistente sobre a Sociologia entre adolescentes.

O sociólogo François Dubet (1997), ao relatar sua experiência de docência, afirma que se sentiu desafiado a lecionar, principalmente para verificar na prática se as dificuldades da profissão se confirmariam. Quando confirma sobre as dificuldades para dar aula, manter a atenção dos estudantes ou criar uma relação harmônica em sala de aula, ele confirma que o exercício da docência é cansativo, uma relação que nunca se torna rotina.

A gente tem o sentimento de que os alunos não querem jogar o jogo e é muito difícil porque significa submeter à prova suas personalidades. Se eu falo de charme, de sedução, não é por narcisismo, é de fato o que a gente realmente experimenta. É uma experiência muito positiva quando funciona, a gente fica contente; quando não funciona, a gente se desespera. (DUBET, 1997, p. 224).

A partir desta perspectiva, durante a minha pesquisa de campo, busquei conversar com os professores de Sociologia que estavam envolvidos com o Projeto de Ensino. A cada semana, nos encontros semanais e presenciais, foi possível uma proximidade com os docentes, o que permitiu fazer trocas sobre o ensino, carreira, desempenho dos alunos bolsistas e, até mesmo, contribuir para a edição do projeto, mantendo o distanciamento necessário da pesquisa participantes. Apesar das conversas semanais e do acompanhamento gradual dos bolsistas e professores, senti a necessidade de realizar entrevistas em profundidade com os docentes. Elas foram realizadas em duas etapas: preferi entrevistar primeiro a professora coordenadora e idealizado do Projeto de Ensino para, na semana seguinte, iniciar uma conversa em profundidade com o professor colaborador do Projeto.

O objetivo principal da entrevista envolve compreender sobre como se estruturou a carreira de docência de ambos indivíduos, o que os levou à profissão de professores, por que se interessaram por Sociologia e, sobretudo, o que mobiliza os

profissionais no ensino de Sociologia para adolescentes. O resultado das entrevistas pode ser verificado a seguir, iniciando pela entrevista com a professora Aline.

2.1 A experiência de uma carreira desviante

Natural de Porto Alegre, Aline tem 51 anos, possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestrado em Letras e doutorado em Sociologia. Foi no Ensino Médio, durante seu primeiro emprego, que escolheu a Sociologia para a vida profissional. Por ter muita vontade de trabalhar, conquistar seu próprio dinheiro e independência dos pais, começou a atuar em uma empresa de pesquisa de opinião em Porto Alegre, por indicação de uma amiga. Na época com 15 anos, ela ganhava proporcionalmente ao número de questionários aplicados, podendo definir seu horário de trabalho, sem carga horária definida. “Eu me encantei com aquele trabalho, me possibilitou conhecer Porto Alegre porque eu ia para todos os bairros. Gostei dessa coisa de conversar com as pessoas, de bater na porta, entrevistar. Aquilo foi muito enriquecedor”. Em uma conversa com a dona da empresa de pesquisa, Aline descobriu que ela tinha cursado Ciências Sociais e começou a pesquisar sobre o curso. “Eu lembro que ela me aconselhava a não fazer. Ela dizia algo como ‘não faz, eu fiz e estou aqui servindo ao mercado’. Mas eu gostei, enxerguei possibilidades que nem existiam”.

Apesar do conselho, resolve fazer Ciências Sociais, cursando quatro anos na licenciatura e mais dois anos no bacharelado. Sobre um horizonte que ainda não existia, Aline se refere à falta de Sociologia no currículo do Ensino Médio da época. Quando se forma na graduação, percebe realmente que não existia emprego na área da licenciatura e resolve viajar. “Embora eu já tivesse trabalhado, não era na área. Eu ia dar aula de que? Fui fazer um *mochilão*, morei dois anos na Inglaterra, estudando inglês, francês, italiano e fazendo um curso de linguística”. Ao retornar para o Brasil, Aline opta pelo mestrado na área de Letras, em função da falta de perspectiva profissional nas Ciências Sociais. Quando conclui o mestrado, surge uma nova dúvida. “De novo pensei ‘o que eu faço com isso?’ Eu tenho uma graduação que não tem emprego, fui fazer um mestrado em uma área que tem emprego, mas não sem a graduação dela”.

Em meio às incertezas, ela acaba conhecendo alguns professores da UFRGS que faziam trabalhos de pesquisa, então começa a fazer pesquisas interdisciplinares. Participou de projetos de sociolinguística, da linguagem como interação e como voluntária em um projeto de pesquisa que investigava a interação social a partir da linguagem entre mulheres vítimas de violência e instituições que fazem atendimento, como Delegacia da Mulher e Organizações não governamentais (ONGs).

Em seguida, passa a atuar como professora substituta do curso de Letras na UFRGS. “O grupo de professores que fez o processo seletivo gostou da proposta interdisciplinar que eu trazia. Fora disso, seria muito difícil conseguir um trabalho, porque eu teria que ter ou graduação em Letras ou mestrado em Ciências Sociais”. Depois disso, Aline engravida da sua primeira filha. Como o contrato de professora da UFRGS havia terminado, consegue um emprego no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) como pesquisadora. Depois de três anos, engravida da sua segunda filha e decide não voltar ao SENAI. Apesar do trabalho ser bom, ela não se adapta ao formato, então passa meses em casa e depois inicia no Projeto Pescar, onde fica por cinco anos.

Era uma coisa que tinha mais a ver comigo, a carga horária era de 20 horas, existia mais flexibilidade de tempo e gostei. Mas eu vi que eu não tinha perfil de gestão, então teria que permanecer no mesmo cargo. Então surgem todas as demandas da vida, porque o salário não era muito alto, não tinha muita perspectiva, era uma ONG. Eu já queria fazer o doutorado, então eu percebi que era o momento. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Participou do processo seletivo para doutorado em Sociologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), fez o projeto, passou e conseguiu uma bolsa de 2011 a 2015. Ainda em 2014, quando finalizava o doutorado, participou do concurso para professor no IFRS, passou e começou a trabalhar no *campus* de Bento Gonçalves em 2015.

Eu estava com a minha carreira “quebrada”, mas foi no doutorado em Sociologia que eu consegui retornar para a área e me consolidar. Foi meu orientador do doutorado que disse que eu tinha uma trajetória desviante. Não foi uma trajetória linear como em geral as pessoas fazem, com graduação, mestrado, doutorado. Não foi assim pra mim. Mas as coisas foram indo, de alguma forma tudo aconteceu e me trouxe para o lugar que eu queria. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Apesar do currículo que foge da linearidade, é possível perceber que, ainda assim, Aline tem uma formação direcionada para a área se olharmos para a realidade do Rio Grande do Sul.

Não se pode negar que a maior parte dos professores que ministram sociologia nas escolas gaúchas não tem formação de origem na área, sobretudo em razão de problemas relacionados à distribuição de encargos nas escolas e também a continuidade de escassez de profissionais. (MOCELIN; RAIZER, 2014, p. 124).

As dificuldades do ensino de Sociologia são verificadas quando Aline lembra do seu primeiro estágio na licenciatura em Ciências Sociais, realizado em uma escola Estadual de Porto Alegre, mesma escola onde ela cursou todo seu Ensino Fundamental, que ofertava Magistério, um dos poucos cursos que tinha Sociologia no currículo. “Dei 6 meses de aula e a professora me largou, porque ela tinha umas 16 turmas. Quando cheguei, ela meio que disse ‘ufa’. (risos) Eu trabalhei sobre culturas, desde o conceito de cultura, culturas juvenis, tribos urbanas, punk”.

Durante todo o curso de Licenciatura, Aline não se via como professora de Sociologia, por não ter tido a disciplina no Ensino Médio. Foi no estágio que gostou de dar aula. Na experiência como professora substituta na UFRGS que percebeu uma forte identificação com o público jovem.

Primeira vez que me vi realmente como professora foi nessa experiência no curso de Letras da UFRGS. Gostei muito, de ter o retorno dos alunos, dos adolescentes, porque era o primeiro semestre deles, e eles estavam saindo do Ensino Médio. E foi aí que eu vi que eu gostava de trabalhar com adolescentes. Esse aluno que está começando a descobrir o que quer da vida. Lá eles eram alunos do curso de Letras, um pouco diferente do que eu encontrei aqui lecionando no IFRS. Aqui eles querem um milhão de coisas, são mais novinhos, estão ainda vivendo a experiência do Ensino Médio. Cheguei num lugar que era onde eu queria chegar, demorei bastante, em função de escolhas, prioridades que fui dando. Acabei encontrando o meu caminho, mesmo com os percalços do mercado. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Como inspiração para a própria docência, Aline resgata na memória professores da própria graduação que foram bons exemplos e o contato com colegas de outras áreas, o que possibilita a troca de experiências e aprendizado. Para ela, o que caracteriza um bom professor é despertar no aluno o interesse pelo que está sendo ensinado ou, no mínimo, a curiosidade.

Saber que está fazendo um bom trabalho é ver que o aluno aplica o conhecimento. A gente ensina, ele aprende, ele mostra numa prova que aprendeu, pode até ir *tri* bem na prova e depois não sabe mais nada daquilo. Mas quando a gente vê o aluno falando e aplicando, é que eles aprenderam. Fez sentido pra eles. Isso que é o legal! (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Nesta perspectiva, Aline afirma que estabelecer um vínculo com os estudantes é fundamental, principalmente com aluno do Ensino Médio. Sem o vínculo, o processo é muito mais difícil.

Às vezes eles nem gostam tanto do conteúdo, mas como eles têm um vínculo contigo eles respeitam, eles prestam atenção, eles querem fazer um bom trabalho, eles não querem decepcionar. E eu gosto por exemplo de saber o nome dos alunos, de dar um exemplo e chamar eles pelo nome. Eu fico muito incomodada quando eu olho pra um aluno e não lembro o nome dele. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Segundo Aline, as temáticas trabalhadas em sala de aula percorrem o âmbito da cultura, socialização, a fim de que os alunos entendam quem são, por que são como são, como pensam e como estão inseridos na sociedade. “Importante é eles conseguirem ver o lugar deles nessa sociedade, pensar sobre si mesmos. Nós temos que fazê-los construírem o conhecimento deles, pra não ficarem no senso comum”. Para isso, ela utiliza perguntas norteadoras e que mobilizam o debate, assim como Freire (1985). “Alguns conceitos temos que ensinar, para que tenham conteúdo, embasamento e conheçam os autores. Mas é muito mais construtivo ver o que eles fazem com isso, como aplicam o conhecimento. Por isso eu gosto da pergunta”.

2.2 Um professor desde sempre

O professor Daniel, que participa do Projeto de Pesquisa de Ensino de Sociologia, nasceu em Cruz Alta, na região noroeste do Estado, e se mudou para Porto Alegre para cursar Licenciatura em Ciências Sociais na UFRGS. Aos 36 anos, possui mestrado e doutorado em Educação pela mesma universidade, realizando estágio de pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

No Ensino Médio, cursado em escola particular, teve o primeiro contato com a Sociologia durante o 2º ano. Na época, a disciplina não era obrigatória e fazia parte do currículo da escola junto com Filosofia e Pedagogia. “A professora não era formada na área, mas dava trabalhos de pesquisa, de entrevista nas ruas. Eu gostava daquilo, do trabalho de entrar em contato com aquelas pessoas”. Com a ideia inicial de cursar Letras, acabou optando pela Sociologia, iniciando o curso em 2006. A influência esteve na própria literatura: durante a adolescência, livros como Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, A Revolução dos Bichos, por George Orwell, e o escritor Érico Veríssimo, conterrâneo de Cruz Alta, traziam reflexões sociológicas que deram base para a escolha.

E acho que muito também por características da minha vida pessoal. Desde muito cedo eu me confrontei com questões ligadas à vida em sociedade, por conta do ponto de vista das interações sociais. Muito cedo eu aprendi o que é um fato social. Então quando eu entrei na faculdade aquilo tudo fez muito sentido pra mim. As experiências de vida que eu tive desde muito cedo, a reflexão sobre a vida em sociedade e essas outras experiências ligadas à literatura no Ensino Médio me levaram até a Sociologia. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Em 2008, ainda na faculdade, se aproxima mais da educação, ao participar de um projeto de pesquisa sobre o Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Na época, a Sociologia havia passado a ser disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio. A pesquisa consistia sobre a inclusão da disciplina nas escolas estaduais em Porto Alegre. “Entrevistei 44 professores e visitei muitas escolas. Tive uma proximidade grande com o ensino de Sociologia e sempre me interessei pelas temáticas da educação, tanto que segui fazendo mestrado e doutorado nesta área”.

Com o mestrado em Educação concluído, passou em um concurso do Estado para ser professor de Sociologia, atuando por um ano e meio. Daniel avalia a experiência profissional como importante, mas percebeu as dificuldades de se seguir uma carreira como professor no Estado, em função do salário baixo, condições de trabalho precárias e políticas de educação sem eficiência. Em 2014, o professor consegue uma bolsa para fazer doutorado e acaba se exonerando do Estado.

Em 2016, com o doutorado quase concluído, fez concurso pra professor temporário no Instituto Federal de Osório. “Foi uma experiência muito positiva, gostei muito do Instituto Federal e vi como uma oportunidade de carreira”. Depois de realizar

a defesa do doutorado, sai do *campus* de Osório para realizar a experiência de pós-doutorado na PUCRS. No final do ano de 2016, participa dos concursos para professor do IFRS e do IFFar – passou nos dois concursos e acaba sendo chamado para dar aula no *campus* do IFRS de Vacaria.

Foi uma experiência interessante voltar a morar no interior, algo que jamais achei que ia acontecer de novo. Mas o *campus* era novo, em processo de nova implantação. No fim de 2018, pedi remoção para Caxias do Sul, mas sabia que não ia abrir vaga pra minha área lá. Então eu estava meio conformado em continuar em Vacaria. Profissionalmente as coisas não eram ruins pra mim lá, mas do ponto de vista pessoal, eu estava querendo sair, porque era muito longe, não me senti totalmente adaptado à cidade. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Em 2019, surge a oportunidade de dar aula no IFRS de Bento Gonçalves. Como estava inscrito para trabalhar no *campus* de Caxias do Sul, acaba aceitando a proposta, onde se estabelece até hoje. Ao contrário de Aline, Daniel construiu sua carreira pensando na docência.

Eu nunca me imaginei fazendo outra coisa. Desde criança sempre me imaginei sendo professor. Minha mãe foi professora de Ciências e me influenciou muito. Me lembro que quando eu era criança ela estava sempre datilografando na máquina de escrever, fazendo as matrizes pra mimeografar depois, queria fazer aquilo quando crescesse. Não cheguei nem a mimeografar, nem a fazer provas datilografadas, mas segui na docência. Ela me inspirou pela seriedade com que conduzia o trabalho docente. Essa é uma marca que eu carrego até hoje. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

A disciplina intelectual entra como fator importante, na visão de Daniel, para caracterizar um bom professor, por ser um aspecto fundamental na aprendizagem. “As escolas têm falhado muito em possibilitar isso, porque não existe aprendizado sem trabalho intelectual, sem esforço. Eu acho que isso aprendi no Ensino Médio, no ensino superior, carrego comigo e tento transmitir pros alunos”. Para ele, sem o envolvimento do aluno, alinhado a uma postura intelectual, o aprendizado se torna tarefa ainda mais difícil.

Eu noto que falar em disciplina no campo da educação é quase que um palavrão e na verdade não é. Inclusive teve uma situação bem interessante de uma aluna, há uns dois anos. Era uma aluna do 3º ano que estava se formando, e ela me mandou um e-mail agradecendo tudo o que ela tinha

aprendido na disciplina de Sociologia comigo e dizendo que ela percebeu a importância da disciplina para o aprendizado. E eu achei muito interessante isso, porque eu nunca tinha parado pra pensar que eu estava fazendo isso. É uma coisa tão automática pra mim, que eu nem me dei conta de que os alunos pudessem reconhecer isso. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Ainda sobre o que caracteriza um bom professor, Daniel diz ser fundamental o domínio do conteúdo pelo docente, ter conhecimento do que vai ensinar, saber como vai ensinar, buscando abordagens metodológica e formas de avaliar. “Tem que ter uma boa capacidade de comunicação e tentar estabelecer uma boa relação com os alunos. Nem sempre é fácil, mas eu vejo que é bem importante”. Assim como Aline, o vínculo e a boa relação com os alunos aparecem como determinantes na docência.

De maneira geral consigo ter uma boa relação com os alunos. Esse ano fui convidado pra ser paraninfo de uma turma, do Técnico em Viticultura e Enologia, e fui homenageado por uma turma do Técnico em Informática, que até foi uma turma bem difícil, uma das turmas mais difíceis que eu tive no início, mas com o tempo a gente foi conseguindo resolver alguns problemas e no final das contas eles me homenagearam. Claro que sempre tem um aluno que não gosta da gente, isso é inevitável. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

2.3 Ponto de vista: o IFRS e duas perspectivas

Neste segundo semestre de 2022, Aline leciona para 6 turmas do Ensino Médio e uma turma da graduação. Para o próximo semestre, mantém o mesmo número de turmas do Ensino Médio e passa a dar aula em duas turmas de graduação. Atuando há 7 anos no *campus* de Bento Gonçalves, ela se diz apaixonada pelo IFRS e afirma que a instituição é muito acertada. Segundo ela, o IFRS oferece muitas possibilidades tanto para alunos quanto professores, oportunizando a criação e participação de projetos e diversas vivências.

Me sinto bem feliz e realizada porque minha filha mais nova está estudando aqui e eu queria muito isso. A minha filha mais velha não quis estudar aqui, não passou na prova de seleção, e eu percebo essa diferença, porque ela teve um Ensino Médio mais pobre em termos de oportunidades. Aqui os estudantes conseguem propor iniciativas pra própria instituição, desenvolver talentos, produzir materiais, pesquisa, conduzir atividades com as turmas, enfim, muitas possibilidades. Isso agrega muito pros adolescentes e a gente tem outro perfil de aluno por conta dessas oportunidades que eles têm. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Daniel leciona para 5 turmas do Ensino Médio e duas do Ensino Superior. No próximo semestre, em 2023, sua carga-horária no Ensino Médio se mantém, mas na graduação aumenta, passando a dar aula em 4 turmas. Depois de 5 anos lecionando no IFRS, ele levanta questionamentos sobre o modelo de ensino. “Eu já defendi mais o modelo de educação que os IFs oferecem, mas agora tenho sérias dúvidas sobre o modelo que ele usa”. O principal ponto estaria em ofertar tanto o Ensino Médio quanto Ensino Superior e pós-graduação, fazendo a chamada verticalização do ensino, ou seja, cursos de uma mesma área desde o Ensino Médio até a pós-graduação.

Quais são os problemas disso? O que se espera de um professor de Ensino Médio é totalmente diferente do que se espera de um professor de pós-graduação. E é humanamente impossível um professor dar conta de conselho de classe, entrega de boletins, conversas com pais, problemas que são típicos da adolescência no Ensino Médio; e ao mesmo tempo esse mesmo professor precisa publicar artigos, orientar alunos e fazer pesquisa para atender os critérios da pós graduação. O perfil do professor do Ensino Médio é um, o de graduação é outro e o de pós-graduação é outro. Quando se tenta juntar esses três perfis em um, a pessoa não tem como dar conta disso. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

No ponto de vista de Daniel, outro problema estaria no Ensino Médio Integrado, ofertando tanto a formação técnica quanto a formação propedêutica³. “A grande maioria dos alunos que entram no IFRS não têm interesse no Ensino Técnico, eles têm interesse no ensino propedêutico”. Segundo ele, os estudantes entram no IFRS, mas querem fazer vestibular em uma Universidade Federal, colocando em xeque o princípio da verticalização. “São muito poucos os alunos que seguem na área do curso e ainda menos os alunos que seguem a graduação aqui dentro. O perfil do aluno da graduação é um, o perfil do aluno do Ensino Médio é outro”. Além disso, Daniel é crítico ao modelo do Ensino Médio Integrado, inspirado na ideia de politecnia⁴.

É uma ideia que eu já acho ultrapassada, lá do século XX, que não funciona mais. Existe demanda pra técnicos no mercado de trabalho, mas de uma maneira geral os Institutos Federais não contemplam essa demanda. Então tem uma lacuna aí. E no fim das contas, parece que o Instituto Federal não consegue cumprir muito com os propósitos que ele tem. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

³ Propedêutica é uma denominação genérica atribuída a um curso ou parte de um curso introdutório, prevendo ensinamentos preparatórios, introdutórios ou mínimos.

⁴ Politecnia é um conceito central do pensamento pedagógico que reconhece o trabalho como princípio educativo e fundamental.

O IFRS passa por um período de reformulação dos PPCs, por uma determinação da reitoria. A orientação é que ocorra uma adaptação novo Ensino Médio, ajustando a carga horária do Ensino Médio e Técnico para 3 mil horas – atualmente as formações possuem de 3.600 a 3.800 horas. Em função da legislação não obrigar mais o ensino da Sociologia, Aline explica que é possível que ocorram mudanças, no sentido da distribuição da carga horária durante os anos do Ensino Médio⁵, passando longe de uma total exclusão da disciplina do currículo. “Participo da comissão de revisão justamente para tentar manter a Sociologia. É possível que a gente ganhe mais um período. Por enquanto não tem ninguém propondo a exclusão”.

Neste contexto, existe uma divergência na própria área de ensino: Aline defende pelo menos um período de Sociologia em cada ano do Ensino Médio, enquanto Daniel acha melhor ter dois períodos no 1^a ano e dois períodos no 3^o ano.

Claro que eu acho ruim ter um período só. Sociologia e Filosofia são as duas disciplinas que têm um período só. Mas eu acho ruim não ter aula em um dos anos, acho que a gente perde. E se a gente abrir mão disso hoje, daqui a pouco vem outra reformulação e diz assim “tira do terceiro, vai ficar só no primeiro”. A minha proposta é manter dois períodos no 1^o ano, um período no 2^o ano e um período no 3^o ano. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Em contrapartida, o posicionamento de Daniel está alinhado com a possibilidade de trabalhar mais do que um período semanal. “Um período por semana é impossível, porque a gente acaba não tendo um bom vínculo com os alunos, é pouco tempo pra gente se conhecer e a sobrecarga de trabalho é grande”. A possibilidade de ter dois períodos juntos, no 1^o ano e no 3^o ano, por exemplo, abriria espaço para o professor fazer atividades diferenciadas. “A gente teria mais tempo pra fazer uma aula prática, passar um filme, fazer um debate, fazer uma atividade que demande mais tempo. Não sei como vai ficar, porque a discussão não está avançando muito”.

⁵ Atualmente, o IFRS mantém um período de Sociologia em cada ano (1^o, 2^o e 3^o do Ensino Médio), totalizando três períodos para formação. Os professores pensam em ampliar o número de períodos, totalizando quatro períodos no total. A divergência está nesta distribuição, a disciplina em todos os anos ou em alguns anos.

3 Olhar etnográfico: a Sociologia na escola

Em setembro, iniciei as minhas observações no Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes, acompanhando a edição de 2022. Semanas antes, coletei algumas informações preparatórias com a professora e coordenadora Aline. O projeto de 2022 conta com a participação de 6 bolsistas, 5 meninas e 1 menino, sendo 5 bolsistas efetivos e 1 voluntário. Neste trabalho, vou considerar a participação regular, ou seja, dos 5 bolsistas selecionados.

Os alunos possuem idades que variam de 15 a 17 anos e cursam diferentes níveis de ensino, do 1º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Os alunos bolsistas precisam cumprir uma carga horária semanal de 8 horas, recebendo uma remuneração de mensal de R\$ 200,00. A reunião semanal presencial, de 1 hora de duração, é um dos requisitos obrigatórios estabelecidos pelo projeto. Além dos encontros, os alunos possuem uma atividade de monitoria de Sociologia para outros estudantes do Ensino Médio.

Como preparação, a professora Aline também compartilha comigo os materiais⁶ do grupo. No espaço, tenho acesso às leituras obrigatórias do grupo⁷, material de apoio para as aulas dos bolsistas e ao cronograma do projeto, com as datas dos encontros presenciais, momentos de ensaio e data das aulas. Os alunos também precisam ler um livro que será debatido ao longo do Projeto. O livro escolhido para 2022 foi Mundo em Descontrole, de Anthony Giddens. Sabendo disso, também dou início à leitura do livro para poder acompanhar melhor as discussões.

Particpei dos encontros semanais presenciais, realizados às quintas-feiras, às 17h30, na sala do Núcleo de Integração do Ensino, Pesquisa e Extensão das Ciências Humanas (Niepech). O horário e o dia da semana para o encontro semanal foram estabelecidos em conjunto com os próprios alunos, que avaliaram as suas disponibilidades ainda no início do projeto, em junho de 2022. Neste sentido, busco

⁶ Pasta disponível no Google Drive, compartilhada comigo, para acesso aos conteúdos disponíveis.

⁷ Além do livro Mundo em Descontrole, de Anthony Giddens, os alunos têm mais 6 leituras obrigatórias, entre textos e artigos. São elas: “História da Sociologia e de sua Inserção no Ensino Médio” (FREITAS; FRANÇA, 2016, p. 39-55); “Ensino de Sociologia na Educação Básica: um olhar sobre o perfil e a formação dos professores no Rio Grande do Sul” (CAREGNATO; RODRIGUES; RAIZER, 2017, p. 187-205); “Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia?” (LAHIRE, 2024, p. 45-61); “95 Anos de Ensino de Sociologia no Ensino Médio” (DeCESARE; p. 113-137, 2014); “Os lugares da Sociologia na Educação Profissional e Tecnológica” (LIMA; SOARES; LOPES; FERNANDES, 2017, p. 150-169); “Para que servem as Escolas?” (YOUNG, 2017, p. 1287-1302).

reunir a seguir as impressões coletadas durante a etnografia na escola, realizada de 15 de setembro a 8 de dezembro.

3.1 Observando o grupo e seus atores

A minha primeira observação acontece durante o 1º Sarau da Imaginação Sociológica, organizado pelos estudantes do projeto. O evento aconteceu nos dias 14 e 15 de setembro, no espaço do Niepech, localizado o bloco A. Durante o Sarau, os estudantes que participaram apresentaram músicas, compartilharam produções textuais, trabalhos acadêmicos e trabalhos de pesquisa. Acompanhei o segundo dia do Sarau e identifiquei os bolsistas que estavam reunidos na organização do evento. Fiquei surpresa pela participação expressiva, tanto de apresentações quanto de público, pelo conteúdo consistente dos materiais apresentados e talento dos alunos.

Dou início à observação do grupo no Projeto na semana seguinte, no dia 22 de setembro. Logo que chego, a professora Aline me apresenta ao professor Daniel e às bolsistas presentes Tatiane e Camila. Inicialmente, os professores e bolsistas fazem uma avaliação sobre o Sarau. Em seguida, os professores organizam o cronograma para os próximos meses, reorganizando as datas para ensaios das aulas, as datas das aulas que serão ministradas pelos estudantes e os dias para os debates do livro, que é dividido por capítulos. Abaixo, anotação do meu diário de campo⁸ sobre as impressões deste primeiro dia:

“O primeiro dia de campo é desafiador, por não ter uma proximidade com todos os participantes, apenas com a professora Aline. Apesar disso, o grupo me recebe bem. Fico em dúvida sobre a quantidade de participantes e questiono isso. Acabo sabendo que o bolsista Maicon está afastado temporariamente por problemas de saúde, por isso os professores precisam reorganizar o cronograma de aulas e ensaios, sem a participação dele.

Neste primeiro dia, também participa a namorada de uma das bolsistas, a Marcela, que foi bolsista de uma edição anterior do projeto. Percebo que a bolsista Tatiane está fazendo algumas atividades de Química no momento do encontro. Por isso, o ambiente não se torna tão formal para o estudo e encontro do grupo.

De qualquer forma, os bolsistas presentes participam da avaliação sobre o Sarau, realizado na semana anterior, e do alinhamento do cronograma, mas quem organiza o planejamento, considerando tempo e disponibilidade são os professores.

⁸ A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) não apresenta normativa específica para citação de diário de campo. Para este trabalho, opto por apresentar os excertos recuados, com 1 cm na primeira linha e entre aspas.

Para que eu possa acompanhar melhor, a professora Aline me inclui no grupo de WhatsApp do Projeto chamado Ensino sociologia 2022. Recebo por lá o cronograma com as datas para que possamos discutir o livro Mundo em Descontrole, sendo elas:

29/09: Capítulo 1 – Globalização

20/10: Capítulo 2 – Risco

27/10: Capítulo 3 – Tradições

17/11: Capítulo 4 – Família

24/11: Capítulo 5 – Democracia

A professora Aline também faz um reforço sobre a presença dos alunos na monitoria, de que eles precisam estar disponíveis nos horários combinados. Depois destes alinhamentos, o encontro é finalizado”. (Diário de campo, 22 de setembro de 2022).

Me preparo para a segunda semana, fazendo a leitura do capítulo 1 sobre Globalização. No encontro, estão presentes as bolsistas Helen, Camila e Tatiane, e o professor Daniel. Logo no início do encontro, eu e o professor abrimos nossos livros e anotações para acompanhar as bolsistas no debate sobre o capítulo. Então, Tatiane diz “vai dizer que tinha que ler alguma coisa pra hoje?”. Depois da nossa confirmação, verificamos que nenhuma delas havia lido o capítulo, então optamos por antecipar o ensaio⁹ da aula da aluna Helen. Para o ensaio, precisamos nos deslocar para uma sala de aula que possuía equipamento para projeção de slides. Com a finalização do ensaio, o professor combina a leitura do capítulo para o próximo encontro, após o ensaio da aula da bolsista Tatiane.

Na semana seguinte, dia 06 de outubro, a aluna Tatiane realiza o seu ensaio de aula na Sala de Áudios, um ambiente utilizado para apresentações e encontros. No dia anterior ao encontro, comentei com a professora Aline sobre a falta de comprometimento do grupo em não realizar a leitura e sugiro que ela faça uma conversa com os bolsistas e ela aceita a sugestão. O momento está registrado no diário de campo:

“(…) Depois que todos fazem suas observações sobre o ensaio da aula, estava previsto o debate do capítulo 1 do livro do Giddens. A professora Aline prefere deixar o debate para o dia 27 de outubro e conversar com os bolsistas sobre o Projeto. Ela inicia falando sobre a seriedade: ‘Eu gostaria de lembrar vocês sobre o compromisso que vocês assumiram com a bolsa. Vocês estão aqui porque passaram por um processo de seleção e se comprometeram em fazer parte. O Projeto é de 8h semanais, com 1h presencial, por isso, no restante das horas, precisamos que vocês participem das monitorias e leiam os materiais’. Depois disso, ela abre espaço para que os participantes se expressem. ‘Gostaria de ouvir como vocês estão se sentindo com a bolsa, o

⁹ Falarei mais a frente sobre o processo de ensaio das aulas dos bolsistas.

que motiva vocês a participarem e o que poderíamos fazer de diferente?'. Primeiros, todos os bolsistas se olham e ficam em silêncio. A bolsista Tatiane começa falando: 'estou gostando muito do projeto, da experiência de dar aula, realmente acabei perdendo os prazos e não fiz as leituras, mas na próxima semana acho que vai ficar mais tranquilo'. A bolsista Camila comenta sobre a monitoria: 'vejo que a gente podia fazer alguma outra coisa além das monitorias, porque às vezes não aparece ninguém, mas no geral está sendo bem bom'. A bolsista Helen complementa: 'pra mim tudo certo, profe! Está bom assim'. A bolsista Patrícia apenas concorda com todos. A professora Aline faz um agradecimento final e diz que já está pensando em reformular a questão das mentorias. 'A minha ideia é que vocês deem aula para a Mariana, uma aluna que entrou agora no 1º ano do Técnico em Meio Ambiente. Ela não teve Sociologia na escola anterior e, para que ela possa ser aprovada para o próximo ano, precisamos recuperar os assuntos do 1º e do 2º trimestre com ela. Então, vocês dariam aula para ela desses conteúdos, também uma vez por semana. O que vocês acham?'

O grupo é bem receptivo, acolhe a ideia e demonstram interesse. A professora Aline combina de alinhar essa questão com a aluna e retornar com um cronograma de datas e horários. Depois que o encontro encerra, fico alguns minutos para conversar com os professores e o sentimento é de que, mesmo abrindo espaço para a fala, os bolsistas não se expressaram, não falaram o que estavam pensando, ficaram muito quietos ainda. De qualquer forma, gostei de colaborar com o grupo, sugerindo o momento para troca, e da abertura da professora Aline para a sugestão". (Diário de campo, 11 de outubro de 2022).

No encontro do dia 13 de outubro, a bolsista Tatiane comenta sobre a experiência de dar uma aula¹⁰. Em seguida, passamos ao ensaio da aula da bolsista Patrícia. Neste dia, quatro bolsistas participam do encontro. Na semana seguinte, no dia 20 de outubro, é realizado o segundo ensaio da bolsista Helen. Neste dia, apenas 3 bolsistas participam. A professora Aline confirma o processo de monitoria para a estudante Mariana, do 1º ano do Ensino Médio, e compartilha um cronograma de datas e assuntos que precisam ser ensinados.

No dia 27 de outubro, eu e o professor Daniel participamos do encontro com os bolsistas Tatiane, Camila, Helen e Maicon. Os alunos me contam que a Patrícia desistiu a bolsa¹¹, mas não sabem explicar muito bem os motivos e o que aconteceu. Fazemos uma conversa sobre o capítulo 1 do livro obrigatório, sobre Globalização. A seguir, o registro em diário de campo sobre o debate:

"O debate acontece cinco semanas após marcado inicialmente. Preciso ler novamente o capítulo e rever as minhas anotações para acompanhar o encontro. A minha expectativa era de que o grupo fosse debater o capítulo, abrir para discussões e analisar o ponto de vista de Giddens. No entanto, os alunos apenas falaram algumas frases sobre trechos que gostaram e que acharam interessante. O professor Daniel tentou fazer

¹⁰ O relato sobre a experiência de cada bolsista que deu aula será realizado mais à frente.

¹¹ O desempenho da bolsista Patrícia será relatado no tópico 4.2.

perguntas para maior conexão, mas não foi possível criar um debate em si, ou seja, o que aconteceu foi uma breve conversa sobre o capítulo do livro, com pouco debate e quase nenhuma análise por parte dos alunos. Em 35 minutos, todos os bolsistas estavam liberados”. (Diário de campo, 27 de outubro de 2022).

No dia 10 de novembro fico doente e não consigo participar do encontro, mas acompanho no grupo de WhatsApp que eles iriam dar sequência ao debate do livro, falando do Capítulo 2, sobre Risco. Retorno à observação na semana seguinte, no dia 17 de novembro. Por ser um dia quente, nos reunimos no espaço externo do Niepech. Os 4 bolsistas, e a bolsista voluntária, estavam presentes nesse dia, sendo a primeira vez que conseguia participar de uma observação com todos os estudantes do projeto. A professora Aline conduzia o encontro, já que o professor Daniel não estava presente. Inicialmente, a coordenadora fez uma avaliação com os bolsistas para verificar como estava sendo as aulas da monitoria com a Mariana. Para este dia, estava programada a discussão do Capítulo 3. Como poucos bolsistas estavam na semana anterior, quando falaram sobre o Capítulo 2, eles entenderam que seria falado ainda sobre o capítulo, sem avançar para o seguinte. Então, a professora Aline faz novamente uma observação sobre o comprometimento e a organização dos bolsistas. “Podemos falar sobre o Capítulo 2, já que vocês não leram o que ficou combinado. Mas precisamos avançar, para concluir o livro antes do término do Projeto”. Acompanho o debate, que acontece no mesmo formato do anterior: apesar dos questionamentos da professora Aline, instigando o debate, os bolsistas acabam falando apenas sobre pontos que acharam importantes e destaques da leitura, mas sem relacionar com o dia a dia ou fazer análises mais consistentes. Depois, em função dos jogos do Brasil na Copa do Mundo¹², foi preciso reagendar os encontros da bolsa e o cronograma de discussões sobre o livro, conforme descrito abaixo:

“Após o bate-papo sobre o livro, a programação dos encontros do Projeto é refeita, com base nos jogos do Brasil. Para finalizar no período previsto, até 15 de dezembro, os alunos terão mais de um encontro por semana:

24/11: Capítulo 3 – Encontro online
01/12: Capítulo 4 – Família
08/12: Capítulo 5 – Democracia
15/12: Encerramento

¹² Em conformidade com a Portaria nº 9.763/2022, de 09 de novembro, do Ministério da Economia, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) teve expediente reduzido nos dias de jogos da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo FIFA 2022.

Na oportunidade, os bolsistas também tiraram algumas dúvidas sobre o relatório final que terão que entregar ao final do Projeto". (Diário de campo, 17 de novembro de 2022).

Na semana seguinte, o encontro online não teve a participação dos alunos. Preocupada com o prazo para conclusão do Projeto, a professora Aline envia uma mensagem no grupo de WhatsApp reforçando novamente a questão e combinando dois encontros por semana, para que o Projeto não precise avançar além do previsto. "Não dá pra fazer uma semana com dois, outra semana com outros dois, perde o propósito.... então, peço encarecidamente que façam um esforço para estarem todos presentes nos nossos próximos encontros".

Meu planejamento era finalizar a etnografia no final do mês de novembro. Considerando a mensagem da professora e os poucos encontros com o grupo completo, decido ampliar o período de observação até 8 de dezembro. No encontro do dia 1 de dezembro estão presentes os quatro bolsistas e os dois professores. A conversa inicia com as bolsistas Helen e Camila falando um pouco sobre as suas experiências de docência. Após os relatos, iniciamos a conversa sobre o Capítulo 4, sobre Família. Com relação a esse debate, percebo que o grupo interage mais. Os dois professores fazem perguntas mobilizadores e falam um pouco sobre suas histórias e contexto familiar. O professor Daniel pergunta: "o que faz vocês pensarem, relacionarem esse tema da família com a realidade de vocês?". Neste momento, percebo um pouco mais de interesse por parte dos bolsistas que tentam fazer outras conexões. Ao final, a professora Aline me pergunta o que achei do momento. Anoto este diálogo no meu diário de campo, pela sua importância:

"Quando os alunos vão embora, espero a professora Aline para sairmos juntas do IFRS. Acompanho ela até a saída e vamos conversando. Logo, ela me questiona: 'O que achou de hoje, Josi?'. Respondo com sinceridade, pensando no meu papel enquanto pesquisadora e, também, aluna estagiária. 'Eu vejo que eles mais resumem o capítulo do livro do que analisam ou criticam. Acho que daria para eles relacionarem com o dia a dia deles, com o que está acontecendo no Brasil, ainda sobre um assunto como o de família, que abre bastante margem para debate'. A professora concorda e complementa. 'Exatamente isso. E fica claro também quem não leu. Dizer que achou o capítulo interessante e que gostou não é análise'. Sem eu precisar perguntar, ela comenta os próximos passos do Projeto. 'Para os próximos anos, penso em mudar a estrutura. Isso que aconteceu, deles não lerem, dos alunos não debaterem, não é a proposta. Eles precisam voar, não é uma aula mediada por um professor, e eles esperam muito isso'. Acho interessante o ponto de vista da professora, de também perceber que o grupo não está motivado. A conversa encerra e combinamos de nos falar pelo

WhatsApp, caso surja alguma dúvida durante a minha pesquisa.” (Diário de campo, 1 de dezembro de 2022).

Na manhã do dia 8 de novembro, em conversa com a professora Aline, ela comenta que vai se atrasar para o encontro com os bolsistas em função de uma reunião pedagógica. O professor Daniel também não iria participar do encontro, por motivos de saúde, então peço autorização para fazer uma entrevista com os bolsistas que estiverem presentes. A entrevista é realizada com as bolsistas Tatiane, Helen e Camila, e tem duração de cerca de 45 minutos. A professora Aline chega em um momento em que estamos conversando sobre a avaliação dos alunos. Opto por não interromper a entrevista, mas inserir a professora no diálogo – dessa forma, conseguimos debater realmente sobre os critérios utilizados no momento de uma avaliação, percepção que tiveram dos estudantes na entrega dos trabalhos e as dificuldades que envolvem o “dar uma nota”. Nos minutos finais a professora Aline comenta que aquele seria o último encontro, sendo que os alunos teriam apenas algumas semanas para entregar o relatório final. Assim como o projeto, a minha etnografia na escola encerrava ali. A entrevista com as bolsistas será descrita nos capítulos a seguir.

3.2 Os ensaios para docência

Faz parte do Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes, que os bolsistas preparem uma aula que deverá ser ministrada a uma turma do Ensino Médio, conforme cronograma determinado pelos professores orientadores. O assunto da aula é escolhido pelos próprios bolsistas, conforme afinidades, a partir dos temas que serão trabalhados no trimestre. O bolsista tem liberdade para escolher a metodologia que irá seguir, mas deve produzir um plano de aula, que será avaliado pelos professores, e estabelecer um elemento de avaliação para ser aplicado à turma. O método de avaliação também é livre, podendo ser trabalho escrito, apresentação, charge, debate avaliativo ou que achar pertinente.

Antes da experiência em sala de aula, os bolsistas fazem um ensaio para todos os integrantes do Projeto. Durante esses ensaios, os professores e os outros bolsistas avaliam o desempenho de quem está apresentando, desde postura, clareza na fala, estrutura da aula, didática, metodologia, material visual (slides), domínio do conteúdo e avaliação a ser aplicada.

O primeiro ensaio que observo é o da bolsista Helen, no dia 29 de setembro. Helen tem 17 anos, é aluna do 2º ano do Técnico em Informática e se interessou pelo Projeto justamente pela oportunidade da experiência de docência. O tema escolhido para a aula é “Família”, mas como o ensaio não estava previsto para a data, ela esclarece que os slides ainda não estavam finalizados. Durante o ensaio, Helen dá a aula em dez minutos e logo em seguida todos, inclusive eu, contribuem com melhorias e observações. O professor Daniel fala sobre o conteúdo dos slides, sugere que ela traga mais dados e estatísticas (como dados de divórcios, casamentos) e faz ajustes em algumas definições, indicando mais referências bibliográficas. A bolsista Tatiane sugere que a aula tenha interação. “Poderia ter um jogo, um Kahoot¹³ ou um Mentimeter¹⁴ perguntando o que eles pensam sobre família logo para gerar um debate inicial”. O grupo abre espaço para as minhas contribuições e sugiro que Helen use recurso de vídeo, com uma propaganda antiga e outra atual, com exemplo de família, para que a turma possa perceber como esse conceito evoluiu e passou a ser representado de diferentes formas. A bolsista faz as anotações necessárias e tira algumas dúvidas.

O segundo ensaio da Helen acontece no dia 20 de outubro. Ela inicia com uma pergunta para o professor Daniel. “Como começo? Já começo falando ou tenho que me apresentar?”. O docente orienta que ela se apresente como bolsista do projeto e fale brevemente sobre o assunto da aula antes de iniciar. Ela segue a orientação e inicia o ensaio, como se estivesse dando a aula para a turma. Neste segundo ensaio, Helen começa a aula projetando no quadro uma pergunta: “O que é família para você?”. Em seguida, segue para definições sobre família, tipos de família, passa por tendências, dados e estatísticas atualizadas. Como recurso visual, ela usa uma propaganda da Coca-Cola de 1950, bem tradicional, e outra propaganda mais atual, com diferentes formatos de família. Depois disso, ela segue com conceitos sobre o assunto e passa a atividade: os alunos terão que analisar em formato de texto, uma série ou filme e relacionar com o assunto de Família visto em aula. As considerações sobre a aula da Helen, feitas pelo grupo, estão transcritas abaixo:

¹³ Plataforma de aprendizagem online que busca engajar alunos e profissionais da educação através das dinâmicas de jogos e quizzes. Disponível em: <<https://kahoot.it>>

¹⁴ Mentimeter: plataforma colaborativa para criar apresentações que permitem a interação em tempo real (inserir definição) Disponível em: <<https://www.mentimeter.com>>

“Quase um mês depois do primeiro ensaio, Helen tem um domínio maior do conteúdo. A aula, que antes durou poucos minutos, nesta segunda versão levou o tempo suficiente para preencher um período de aula se considerarmos as interações com os alunos. O professor Daniel comenta sobre o ensaio. ‘A apresentação oral está boa, mas cuidado com o tom de voz e para não se mexer tanto. Depois de perguntar o que os alunos pensam sobre família, seria bom anotar as frases deles no quadro’. Depois que a professora Aline e uma bolsista comentam sobre o ensaio, decido falar também. ‘Gostei que você utilizou a ideia da propaganda, porque conectou com o que você estava ensinando. A minha sugestão para quando você for dar a aula, neste momento do vídeo, é de não explicar a diferença entre a propagando antiga e a atual, mas perguntar para os alunos o que eles acharam e se eles percebem a diferença entre elas, relacionando com o tópico da aula a seguir’. Ela agradece os comentários e diz que se sente pronta para ‘enfrentar a turma’, mas que mesmo assim vai se preparar mais e ensaiar em casa”. (Diário de campo, 20 de outubro de 2022).

A segunda bolsista a ensaiar a aula é Tatiane, 17 anos, aluna do 3º ano do Técnico em Meio Ambiente. No dia 06 de outubro ela chega na sala atrasada, acompanhada da namorada, bem nervosa e preocupada, porque o prazo é curto e ela dará a aula na semana seguinte, no dia 11 de outubro. A primeira pergunta que faz, semelhante a Helen, é “Como começa uma aula?”. A partir dessa frase, os professores orientam para que ela se apresente e fale sobre o assunto da aula que seria sobre Cultura.

“A aula da Tatiane está estruturada, mas assim como o primeiro ensaio da Helen, não ocuparia os dois períodos reservados na próxima semana. Dessa forma, os professores orientam para que ela fale um pouco mais lentamente. A professora Aline reforça as bibliografias passadas para a bolsista. ‘Você pode seguir a definição de cultura apresentada por Giddens e o livro do Laraia¹⁵ que indiquei. Você leu o Laraia?’. A bolsista não lembrava desta referência. ‘Acho que esqueci, não li, profe. Mas vou dar uma olhada e coloco nos slides’. O professor Daniel se preocupa com a estética dos slides e também com o conteúdo. ‘Cuidado para os slides ficarem visíveis e com um tamanho de fonte bom, às vezes algumas cores atrapalharam ou a letra ficou pequena. Você pode incluir mais definições e distribuir alguns conceitos em tópicos’. Os dois professores sugerem que ela utilize um trecho do filme A flor do Deserto, uma história real, para exemplificar o Relativismo Cultural. Por coincidência, eu estava pensando em sugerir o mesmo filme, então comento sobre outro aspecto. ‘Acredito que você possa fazer algumas perguntas mobilizadoras no início, sobre o que eles pensam sobre Cultura, e ao longo da aula também. Fazer os alunos refletirem, criando uma interação e debate na sala’. Depois de anotar todas as alterações e escutar os comentários, esta parte do encontro é encerrada. Ao final, converso com a professora Aline que avalia o ensaio. ‘Ela veio com mais do que eu imaginava, porque até ontem ela não tinha nada. Acho que a namorada deu um suporte, mas ela deixou pra última hora, porque ficou faltando o Laraia, um texto que passei pra ela há muito tempo. Vamos ver como ela se sai’.”. (Diário de campo, 6 de outubro de 2022).

¹⁵ LARAIA, Roque. Cultura: um conceito Antropológico. 1986.

No dia 13 de outubro, acompanho o ensaio da bolsista Patrícia. O tema da aula Patrícia também era sobre Família, mas ela não havia acompanhado o ensaio da bolsista Helen, com o mesmo assunto. Patrícia fica extremamente nervosa, com dificuldades para falar e manter o raciocínio. O professor Daniel, que estava analisando e ao mesmo tempo passando os slides no projetor, tenta acalmar a aluna. “Fica tranquila, aqui você está em família”. Apesar da timidez, a bolsista consegue concluir o ensaio, mas com pouca qualidade de conteúdo, domínio, clareza e fio condutor para a aula. Todos fazem contribuições para a bolsista, compreendem o nervosismo e sugerem técnicas como anotar tópicos, ensaiar mais vezes em frente ao espelho, gravar a aula e se assistir depois, além de ideias para a estrutura da aula, conteúdos, cases, mais referências e dinâmica. A bolsista comenta que ainda não teve aula sobre Família com professor Daniel. “Acho que depois que eu tiver aula desse assunto, vou conseguir organizar melhor as ideias e dar a aula”. Quando o encontro encerra, fico uns minutos na sala para conversar com os professores.

“Percebo que Aline e Daniel ficaram preocupados após o ensaio. Logo, eles começam a conversar sobre o desempenho de Patrícia. Daniel é quem avalia primeiro. ‘Ela não tem condições de dar aula, está muito despreparada ainda e ficou muito nervosa. Mesmo que ela assista a minha aula sobre Família, faltaria muito pra chegar uma qualidade boa. Se ela chegar a dar essa aula, certamente vou precisar dar novamente o conteúdo pros alunos, gerando retrabalho’. A professora Aline comenta sobre os prazos. ‘Se a gente tivesse mais tempo para ela ensaiar, pensar com calma, ajudar mais de perto, talvez ela conseguisse, mas tenho dúvidas se ela vai poder dar essa aula. É o mesmo caso do Thiago’. Ela se referia a um aluno de uma edição passada do Projeto. ‘Ele foi um caso parecido, de muito despreparo, mas naquele ano a gente teve mais tempo pra ensaiar com ele e ele conseguiu dar a aula’. Questiono os professores se eles já tiveram que inabilitar um bolsista de dar a aula de Sociologia e Aline responde. ‘Nunca aconteceu, só nesse caso do Thiago que tivemos mais trabalho. Mas se ela não tiver condições, não estiver apta, vamos conversar e ela não dá a aula’.” (Diário de campo, 13 de dezembro de 2022).

A bolsista Camila tem 16 anos, é estudante do 1º ano do Técnico em Meio Ambiente, mesma turma em que realizo meu estágio de regência. Acabamos tendo um pouco mais de proximidade por nos encontrarmos além do período de reunião do Projeto. A aula escolhida pela Camila para dar é sobre o Sociólogo Zygmunt Bauman. Ela irá ministrar a aula de Sociologia na turma do 2º ano do Técnico em Meio Ambiente. Também sou professora estagiária para a turma do 2º ano, então significa que terei que abrir espaço para ela dar esta aula no meu lugar. Eu já estava me

preparando no mês de agosto, estudando os sociólogos que trabalharia no 3º trimestre, incluindo Bauman. Pensando nisso, empresto para Camila um livro meu do escritor, para que ela possa retirar algumas informações e referências. Para preparar minhas aulas no estágio, utilizo como suporte um livro de Sociologia¹⁶ emprestado pela professora Aline. Depois de utilizar o livro, Aline pede que eu repasse o livro para Camila ler a parte sobre Bauman. Acompanho durante os encontros semanais do Projeto as dúvidas da Camila e a construção da sua aula. “Ainda tenho muitas dúvidas do que colocar, porque o Bauman tem bastante coisa interessante, então tenho que me organizar”. Em função da alteração do cronograma do Projeto, não consigo acompanhar o ensaio da bolsista – ela acaba realizando o ensaio de forma individual com a professora Aline que me relata suas impressões em uma de nossas conversas. “Ela tem uma semana pra deixar tudo pronto, senti ela nervosa e confusa. Consegui organizar com ela os assuntos, mas ela estava deixando de fora coisas importantes, como as redes sociais”. A partir deste relato, continuo estudando e lendo sobre Bauman, para poder dar suporte para a aluna durante sua aula de Sociologia.

3.3 Professoras por um dia

Consigo acompanhar as bolsistas Tatiane e Camila em suas aulas de Sociologia. A aula de Sociologia da Tatiane é realizada no dia 11 de outubro, durante dois períodos da disciplina de Metodologias de Pesquisa, ministrada também pela professora Aline para a turma do 1º ano do Ensino Médio – Técnico em Meio Ambiente. A aluna Camila, bolsista do projeto, faz parte da turma e está presente. Chego na sala e vou conversar com Tatiane. Pergunto se ela está nervosa. “Tô um pouco, mas não muito, normal. Mas *tô* concentrada”. Escolho sentar na lateral da sala para poder ter uma visão completa, tanto da Tatiane quanto dos estudantes, percebendo comportamentos e reações ao longo da aula.

Antes de iniciar, ela se apresenta como bolsista do projeto e fala sobre o assunto da aula. Para iniciar, faz uma pergunta mobilizadora: “O que é cultura para você?”. Os alunos precisavam responder o questionamento via Mentimeter, formando uma nuvem de respostas que foi projetada no quadro. Depois de ler e comentar um

¹⁶ LONGO, Rafael. O livro da sociologia. 2016.

pouco as respostas, Tatiane inicia a aula. No diário de campo, as minhas impressões sobre o desempenho da bolsista:

“Depois da parte introdutória, Tatiane segue com o conteúdo da aula, trazendo conceitos, definições e referências que foram apontadas durante o ensaio, como a definição de cultura por Laraia. Vendo que a bolsista estava nervosa, Aline complementou o assunto em alguns momentos, o que deu tempo para Tatiane respirar e reorganizar os pensamentos. Percebo alguns alunos mexendo no celular, desinteressados ou conversando. De qualquer forma, Tatiane segue o roteiro da aula, demonstrando maior domínio do assunto, com algumas falas até decoradas, mas com bom conteúdo, tom de voz e ritmo. Os slides também foram revisados, tanto na parte estética quanto no conteúdo”. (Diário de campo, 11 de outubro de 2022).

Por ser um conteúdo sobre Cultura, a bolsista abordou conceitos de Etnocentrismo e Relativismo Cultural. Nesta parte, é possível observar que os alunos se interessaram mais pela aula. Na oportunidade, vendo que os alunos estavam com muitas dúvidas, a professora Aline colabora com a aula e compartilha uma experiência pessoal sobre etnocentrismo, perguntando se algum aluno já havia passado por algo semelhante. A partir deste segundo momento, a aula ganha um outro ritmo, tanto por parte da bolsista quanto da turma.

“Quando percebe que os alunos estão participando, Tatiane muda de postura, ficando visivelmente mais relaxada, ou seja, deixa de ficar apenas parada, próxima ao computador, e passa a se aproximar da turma, se encosta no quadro, se apoia em uma cadeira e em certos momentos, em que a professora Aline está falando, escolhe sentar. Nesta segunda etapa, depois de 45 minutos de aula, ela diz. ‘Não aguento mais falar’. A professora Aline apoia. ‘Vai lá, continua’.

Em seguida, ela passa um trecho do filme A flor do deserto, sugestão dos professores durante o ensaio. Quando o vídeo termina, a bolsista Camila olha pra mim, feliz. Faço um movimento afirmativo com a cabeça e sorrimos. É perceptível a alegria da aluna em ver que o recurso escolhido e sugerido durante o Projeto deu certo. Eu também fico feliz.

Depois do trecho do filme, a discussão e o debate aumentam. Muitos questionamentos surgem e os alunos acabam criando várias análises. De qualquer forma, Tatiane precisa continuar com a explicação do conteúdo e pergunta. ‘Existe limites para o Relativismo Cultural?’. Novamente, a conversa aumenta entre os alunos. Sentindo que perdia o domínio da turma, ela ‘esquece’ do seu papel. ‘Calem a boca, prestem atenção!’. O tom de autoridade surte pouco efeito, mas ela continua explicando o conteúdo. A aula finaliza com a bolsista explicando a atividade avaliativa que consistia na produção de um texto sobre relativismo e etnocentrismo”. (Diário de campo, 11 de outubro de 2022).

No final da aula, pergunto para Tatiane como ela está se sentindo. “Tô muito aliviada. Nossa, parece que saiu um peso das minhas costas. Fiquei nervosa no início,

mas acho que fui bem. Acho que a turma gostou, não achei que fossem participar”. Comento com ela algumas das minhas impressões. “Quando você começou a dar exemplos e quando a professora Aline contribuiu, gerou mais interesse. Do ensaio para hoje, você teve uma grande evolução. Parabéns!”. Ela comenta a respeito de uma dica que dei no ensaio. “Viu que eu usei a ideia das perguntas? Deu bem certo, obrigada! Eles gostaram de participar. Me senti confiante depois disso”.

Assim como foi antecipado anteriormente, a bolsista Patrícia desiste da bolsa após uma semana do ensaio da aula. Para sair do Projeto de Ensino de Sociologia, ela entra em contato com a professora Aline por WhatsApp.

Eu acho que ela saiu por vergonha, percebeu que no ensaio não tinha conseguido dar aula e não suportou ficar. Ela não veio falar comigo pessoalmente, me mandou uma mensagem, me dizendo que iria ter compromisso no horário presencial da bolsa e que não ia conseguir mais participar. Eu disse “olha a gente combinou no início do ano, o único horário que vocês têm obrigação de estar é nas reuniões semanais na quinta-feira, é uma hora que a gente exige”. Mas ela já estava pronta pra dizer isso, que não iria conseguir e pediu como fazia pra sair. Eu avisei que ela tinha que formalizar, assinar um documento. Ela ainda não assinou, me mandou e-mail, mas não fez o documento e nem o relatório que ela tem que entregar referente ao período que ela frequentou. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Como comentado no capítulo anterior, a aula de Sociologia da bolsista Camila foi inserida dentro do meu planejamento do estágio de regência. A data reservada para a aula era o 3º período do dia 30 de novembro de 2022. Neste mesmo dia, tenho o primeiro período de aula com a Camila, no 1º ano em Meio Ambiente, com aplicação de prova avaliativa sobre o conteúdo do 3º trimestre. Logo que chego, dou bom dia para a turma, pergunto como estão, e Camila vem conversar comigo. “Profe, tô bem nervosa!”. Eu questiono, “com a prova ou com a aula?”. Ela responde que é com a aula. Digo pra ela fazer a prova com calma e que tudo daria certo, que ela estava preparada. Ela faz a prova sem utilizar todo o tempo do período – a estratégia é para sair antes do professor de Língua Portuguesa, do 2º período, chegar na sala de aula. Ciente da postura do professor e entendendo que ele não a liberaria para ensaiar, ela opta por apenas sair ainda no período de Sociologia e faltar as aulas de Português. Sabendo deste contexto, autorizo a saída.

Nos encontramos no 3º período. Quando chego na sala de aula, junto com a professora Aline, Camila já está nos aguardando. Rapidamente ela organiza seus

materiais de aula e liga o notebook da professora Aline para projetar os slides. Por não ter acompanhado os ensaios, toda a experiência da aula da Camila é nova para mim, assim como para os alunos. Ela inicia se apresentando como bolsista do Projeto de Ensino de Sociologia e começa falando sobre a biografia de Bauman. Em seguida, aborda partes da teoria do sociólogo, passando pela Modernidade Sólida, Modernidade Líquida e Mundo Digital (redes sociais).

“Camila também utiliza de perguntas norteadoras para guiar a sua aula. Enquanto a turma responde e debate, ela aproveita para respirar e tomar água, sem perder a postura e a atenção ao que é falado, fazendo algumas conexões e acolhendo a resposta dos alunos. Às vezes, fica em dúvida do momento de continuar com o roteiro da aula e pergunta. ‘Tá, ninguém mais quer falar nada sobre isso? Posso continuar?’. E continua! Percebo que ela utiliza alguns recursos que apliquei durante as minhas próprias aulas no 1º ano, como transcrever um trecho da teoria ou de uma frase do autor, perguntando para a turma ‘o que acham sobre isso? ou ‘o que pensam sobre isso?’. A professora Aline complementa as explicações, fazendo conexão com autores que os alunos viram durante o trimestre, como Simmel, Giddens e Norbert Elias. Durante a etapa sobre redes sociais e mundo digital, a turma participa mais. Novamente, Camila utiliza a pergunta para mobilizar. No slide está bem grande: ‘Você sabe a origem do nome Instagram?’. A partir das respostas e das falas dos alunos, ela desenvolve a aula e a explicação. Aproveito para ajudar do desenvolvimento da aula e fico um pouco preocupada com o tempo. Dou alguns exemplos sobre redes sociais, contribuindo com a minha experiência como jornalista e na área de marketing digital. No final, Camila passa a atividade avaliativa. Os alunos precisam produzir, para a próxima semana, uma charge, desenho, colagem ou ilustração, que represente uma situação do dia a dia, conectando com a teoria de Bauman.” (Diário de campo, 30 de novembro de 2022).

Apesar do nervosismo e de alguns vícios de linguagem, como o uso excessivo de “*tipo*”, Camila consegue concluir a aula dentro do período previsto. No final, precisou acelerar um pouco as explicações, se confundiu um pouco, recebeu ajuda dos próprios alunos e concluiu promovendo uma boa conversa e diálogo na turma.

Diferente da Tatiane, ela não permanece na sala após concluir e sai logo para o intervalo. Consigo perguntar sobre a sensação de dar aula apenas no dia seguinte, antes do encontro semanal do Projeto. “Achei bem boa, foi satisfatório. Estou pensando se eles vão postar a charge, me entregar, se vão fazer a tarefa. Mas no geral acho que fui bem”. A fala é bem resumida, como quem ainda está absorvendo os sentimentos e sensações. Percebo isso e respeito o espaço, anotando algumas outras perguntas para serem feitas durante a entrevista em profundidade com o grupo.

A bolsista Helen também conseguiu ministrar sua aula de Sociologia, mas não consigo participar da observação de campo em função da troca de períodos e

cronograma do Projeto. O relato completo da experiência da Helen, Camila e Tatiane está descrito no próximo capítulo.

4 Aprender a ensinar

Eu sabia, desde o início da pesquisa etnográfica na escola, que seria necessário realizar uma entrevista em profundidade com cada um dos participantes. Ao longo da observação participante conversei e entrevistei brevemente os bolsistas e percebo a falta de disposição dos estudantes para grandes debates – estão sempre em ritmo acelerado, precisando sair cedo, chegam atrasados, não aparecem, não interagem no grupo de WhatsApp, ou seja, não estão completamente presentes nos encontros. A partir desta perspectiva, penso que uma entrevista em grupo, semiestruturada, com foco na prática docente, geraria mais interesse entre os participantes. A entrevista foi realizada no último encontro presencial da bolsa, no dia 8 de dezembro, com as bolsistas Tatiane, Camila e Helen.

Estamos todas sentadas nos sofás da sala do Niepech, quando inicio a entrevista. A primeira pergunta que faço ao grupo é se todas sabiam que teriam que dar uma aula de Sociologia para o Ensino Médio e como foi a experiência. Helen começa falando que, quando se inscreveu, sabia que precisava dar uma aula, mas não sabia como iria ser, quais seriam os assuntos e as regras.

Foi uma experiência legal. A gente se planejou bastante desde o primeiro dia. Logo no início a gente teve essa preparação, de qual turma a gente ia querer dar aula, qual assunto a gente ia trabalhar. Foi uma experiência diferente. A gente percebe que as turmas talvez elas tenham interesse em uma pessoa diferente dando aula. Não sei se elas conseguiram entender o conteúdo direitinho, mas acho que sim. (Entrevista com Helen, em 8 de dezembro de 2022).

Tatiane também confirma que sabia que a bolsa exigia ministrar uma aula e que, inclusive, foi um dos principais fatores que a fez se interessar pela bolsa.

Eu queria muito dar essa aula. Eu acho que essa é uma experiência bem importante, porque a gente escolhe um conteúdo que a gente já gosta e se aprofunda muito nele. A gente quer que os alunos tenham dúvidas, que a gente saiba responder, quer saber dar uma aula, ter domínio do conteúdo. Eu acho que pra gente também foi bem importante porque é mais conhecimento. A gente aprende mais o básico quando estamos em sala de aula. Pra dar aula a gente quer saber mais do que o necessário, porque a gente quer estar preparado pra responder as dúvidas. (Entrevista com Tatiane, em 8 de dezembro de 2022).

No caso da Camila foi diferente. Ao contrário de Helen e Tatiane, ela não sabia que teria que dar uma aula e acreditava que a proposta do Projeto seria voltada mais à parte metodológica em Sociologia.

Eu fiquei bastante chocada quando eu percebi que eu tinha que entrar numa sala de aula, ir pra lá e falar. Então eu escolhi dar aula sobre o sociólogo Bauman porque eu já tinha um conhecimento sobre ele por causa de uma pesquisa sobre ansiedade e globalização que eu fiz e que incluía ele. Foi uma experiência muito digna pra mim, porque eu sou novata aqui no IFRS, e ingressar numa bolsa de ensino foi uma experiência bastante inovadora. Eu nunca tive essa oportunidade, essa experiência. Na minha turma, só eu e uma menina, que faz pesquisa de extensão, temos bolsa, então é uma coisa fora da minha realidade. Foi também o meu primeiro salário, eu fiquei muito feliz com isso, acho que minha família inteira ficou muito feliz. (Entrevista com Camila, em 8 de dezembro de 2022).

Viver a experiência da docência, mesmo como alunas bolsista, aproximou todas do exercício da profissão. Tatiane comenta que saber como é ser uma professora de Sociologia dentro da sala de aula, movimentou nela algumas inseguranças, se os alunos se interessariam pelo conteúdo, se participariam da aula, se conversariam com ela. “Acho bom a gente sentir o que é isso. Se a gente está numa bolsa de Ensino de Sociologia, nada melhor do que ver na prática, lá na sala de aula, como que funciona. É o que faz tudo fazer mais sentido depois”. Camila complementa neste sentido, porque nunca imaginou como um professor se sentia e como ele planejava uma aula. “Essa experiência foi uma coisa muito única. Achei que o professor só chegava e falava. E não, tem que ter todo um preparo, tem que ler, estudar, planejar, fazer planilha. Foi muita coisa pra mim, muita coisa nova”. Por mais que seja uma única experiência, durante poucos minutos, verifico que as bolsistas compreenderam mais sobre os desafios que envolvem a profissão.

Assim como os professores têm experiência, a gente precisaria de muito mais tempo pra entender o que é ser professor. A gente deu essa aula, mas é uma coisa que a gente vai fazer agora, uma experiência de aula só. A gente não tem uma experiência em uma turma em que os alunos não gostam do conteúdo, ou os alunos não tão dispostos a conversar, não tivemos que preparar uma prova. São muitas outras coisas que formam um professor, mas foi importante pra gente entender mais sobre o ensino da Sociologia em si. (Entrevista com Tatiane, em 8 de dezembro de 2022).

A partir do ponto de vista de Tatiane, Helen comenta sobre as dificuldades gerais dos professores no contexto atual, e não só sobre o ensino da Sociologia, principalmente no desafio em fazer com que os alunos prestem atenção no professor.

Quando eu *tava* dando aula, tinha três pessoas no celular. Eu não esqueci porque eu olhava pra elas, elas *tavam* no celular me dava um ódio. Porque eu *tava* ali, me dediquei um tempão pra fazer a aula, pra estudar sobre o assunto, pra me aprofundar mais. Eu olhava pra aquelas pessoas e ficava me questionando “por que vocês não tão prestando atenção em mim?”. Mas eles não sabem todo o esforço que eu tive pra fazer isso, como quando a gente não presta atenção no professor. A gente não percebe esse esforço que eles tiveram. Eu imagino que nossos professores passem por isso também. (Entrevista com Helen, em 8 de dezembro de 2022).

Camila concorda com Helen, mas por ter um perfil mais compreensivo e acolhedor, não chegou a perder a empolgação na hora da aula. Sua experiência a fez valorizar ainda mais os seus professores.

Pra mim também teve o caso de algumas pessoas ficarem no celular, mais lá no fundão. Mas eu acho que foi uma experiência pra gente valorizar mais o profissional que é o professor, esse profissional tão importante na área da educação e em todas as áreas. Basicamente a gente sente na pele como esse profissional trabalha e vive todos os dias da vida dele. (Entrevista com Camila, em 8 de dezembro de 2022).

No caso de Tatiane, ela comenta que ficou chateada com alguns alunos que não estavam prestando atenção, mas traz outro ponto de vista. “Esse olhar de saber que não é legal estar no celular, fazendo outras coisas, eu sempre tive, porém nunca me impediu de continuar fazendo mesmo assim (*risos*)”. Ela afirma que percebe esse comportamento até quando vai apresentar um trabalho em sala e os próprios colegas não estão prestando atenção. “Fico chateada, mas eu sei que eu faço a mesma coisa. A maioria das vezes que eu mesma *tô* em aula eu *tô* fazendo um trabalho de outra aula porque eu não tenho tempo fora. Mas a gente sente na pele como é ruim”. A percepção do uso do celular em sala de aula, por parte das bolsistas, realmente foi uma questão e gera mais debate. Elas seguem fazendo uma análise de seus comportamentos, como estudantes e professoras por um dia. Pergunto se, apesar destas análises e percepções, passaram a adotar uma atitude diferente após viverem a experiência, com alguns poucos alunos desatentos e utilizando celular em sala de

aula. Tatiane comenta sobre o poder de autoridade do professor em relação a isso, conforme transcrito abaixo:

Eu nunca fiz muita questão de esconder que estou usando o celular, porque eu não acho justo. Se não estou prestando atenção e se o professor for querer me punir por isso, que faça, porque eu fico fazendo muitos trabalhos de outras matérias. Eu nunca tô fazendo o que aquela matéria tá passando, eu faço sempre depois. Parece que eu pego tudo com *delay*. Então eu via as pessoas na minha aula também com o celular, mas eu ficava pensando “poxa elas podem ter um trabalho pra entregar hoje de noite, podem ter um uma prova ou outra atividade atrasada”. Então, porque eu vou ficar triste se eu faço isso diariamente com os meus professores? Às vezes os trabalhos acumulados falam mais alto. (Entrevista com Tatiane, em 8 de dezembro de 2022).

Helen confessa ser uma usuária ativa de redes sociais e de celular em sala de aula. “Também sei que é errado, como a Tatiane falou. Não posso dizer que eu parei completamente de usar o celular em sala depois da experiência, mas eu diminuí sim, porque a gente percebe que atrapalha e é chato”. Camila concorda e confirma que diminuiu o uso do celular durante as aulas, como forma de respeitar e dar atenção ao professor que está dando aula. “Usava mais quando sentia muito tédio, às vezes eu tinha vontade de sair da sala. Agora eu me sinto mais focada. Foi algo que evoluiu na minha vida acadêmica e na vida pessoal”. Além destas mudanças, as alunas fazem uma relação com o contexto atual e com a pandemia. Helen relaciona o retorno ao modo presencial, depois de praticamente dois anos no ensino remoto:

Acho que a gente se viciou demais no celular, eu escondo no estojo, na sala de aula porque os professores pegam meu celular direto. *Tipo*, hoje o professor de Filosofia pegou, pegam sempre. Acho que a pandemia causou isso na gente, então é meio difícil ficar sem, pelo menos pra mim. É difícil manter o foco, sinto a necessidade de atualizar meu feed do Instagram a cada 3 minutos e com certeza deve atrapalhar meu rendimento. (Entrevista com Helen, em 8 de dezembro de 2022).

4.1 Reflexões sobre a metodologia

No capítulo sobre os ensaios de docência, foi possível compreender o processo da escolha do assunto, pensar o plano de aula, escolha de recursos e a metodologia a ser utilizada. Nesta etapa, as bolsistas falam das estratégias escolhidas e o que consideraram antes de estruturar a aula. Sobre esse aspecto, todas procuram utilizar

como referência bons exemplos de docência, o que funciona para elas quanto alunas e o que percebem que os colegas preferem nas aulas, tanto de Sociologia, mas como de outras disciplinas, utilizando elementos que outros professores utilizaram com elas e que deu certo.

Tatiane explica que prefere vídeos, dinâmicas, exercícios, práticas, que fogem do jeito tradicional de dar aula, principalmente na hora do professor dar exemplos.

A gente considera que cada aluno gosta de coisas diferentes, mas normalmente a gente quer trazer o que funciona pra nós. Gosto quando estou aprendendo alguma coisa e os professores trazem algo inesperado, com outras atividades, jogo, vídeo. Chama a nossa atenção, se estamos distraídos. Também quebra a coisa linear da aula, de sentar e ficar ouvindo o professor falar. (Entrevista com Tatiane, em 8 de dezembro de 2022).

Neste sentido, ela comenta que gosta de conversar com os professores durante a aula e tentou abrir um espaço parecido na sua, mas confessa que ficou preocupada com o tempo. “Quando toda a turma está fazendo várias perguntas, a gente conversa e fixa mais o conteúdo. Busquei trazer tudo o que eu sinto que funciona comigo, tentando fazer com a turma do 1º ano também”. O contraponto aparece da bolsista Helen que argumenta. “Isso acontece por ser Sociologia, mas em uma aula de Matemática, conversar com o professor não acontece, a gente não vai falar com o professor sobre a fórmula do cubo”. As outras bolsistas concordam e, a partir desse pensamento, Helen comenta sobre as suas escolhas, que estão alinhadas ao que Tatiane falou anteriormente.

Eu levei pros alunos dois vídeos sobre formas de família. Inclusive foi tu que me deu a ideia de não explicar o que o vídeo tinha a ver com o conteúdo¹⁷. Inclusive quando eu falei “vou passar um vídeo e depois vocês me falem o que vocês acharam”, quem estava no celular começou a prestar atenção no vídeo, porque o vídeo é uma coisa diferente daquela coisa falada do professor. E eles entenderam, porque eles falaram sobre o que eles tinham achado do vídeo. Eu estava falando de famílias, quando eu falei de alguns formatos de família, um aluno levantou a mão e falou sobre a família dele, algo pessoal dele, relacionando com o conteúdo. Eu percebi que a maioria prestava atenção naquilo, e isso acontece comigo também. Quem não gosta de uma fofoca, de saber da vida dos outros, neh? (risos) Quando os colegas ou os professores falam da vida pessoal deles durante a aula, quando a gente compartilha essas coisas com os professores e os professores compartilham com a gente, acho que gera uma conexão. (Entrevista com Helen, em 8 de dezembro de 2022).

¹⁷ Amanda se refere a minha sugestão durante o seu segundo ensaio, descrito na página 43.

Para Camila, seu foco esteve em manter o diálogo, seguindo uma proposta visual atraente nos slides, com charges e desenhos, e sempre com perguntas durante a aula, para conectar os assuntos.

Eu acho que tentei dialogar mais com os alunos. Eu sinceramente vejo que os teus slides¹⁸ são incríveis, eles têm memes, vídeo, eu adoro eles. Eu ficava passando eles várias vezes quando eu ia estudar. Eu adorei aquele lance do Papai Noel¹⁹, achei muito incrível, muito inovador. E eu queria trazer isso pros meus slides. Não sei se consegui fazer muito bem, porque eu não tive o ensaio com todo o grupo da bolsa, mas acho que tentei mais diálogo com a turma. Coloquei perguntas durante os slides, queria que eles respondessem as perguntas, dialogassem, pra depois eu falar. Eu tentei construir uma conversa, uma coisa dinâmica. (Entrevista com Camila, em 8 de dezembro de 2022).

Apesar de tentar criar uma conversa, Camila avalia que não participa muito das aulas, fazendo uma reflexão de seu papel como aluna. “Quando os professores perguntam, eu fico esperando meus colegas responderem primeiro. Eu fico pensando e deixo os outros responderem. Gostei que eles participaram de forma geral”.

Depois desse *feedback* no meio da entrevista, agradeço os elogios e também faço uma devolutiva para Camila, comentando que sim, os slides dela estava bons, atrativos e dinâmicos. Falo que percebi a turma bem participativa e que a questão de utilizar perguntas deu certo. Então, ela comenta sobre o seu nervosismo.

Fiquei bem nervosa, porque sou do 1º ano e dar uma aula pro 2º ano de Meio Ambiente, nossa, às vezes eu entrava em desespero. Eu *tava* muito nervosa, faltei as duas aulas de Português porque pensei que o professor não ia me deixar sair. Fiquei realmente muito apreensiva, mas depois que dei aula parece que saiu um peso das minhas costas. Eu aliviei tudo o que eu *tava* sentindo. (Entrevista com Camila, em 8 de dezembro de 2022).

Outro elemento em comum entre as bolsistas é a dificuldade para dar nota e avaliar os alunos. A seguir, extratos sobre essas percepções.

¹⁸ Alana se refere aos slides que construí para dar aula para o 1º ano do Técnico em Meio Ambiente durante o 3º trimestre do meu estágio de regência.

¹⁹ Para aula, utilizo como referência o ensaio “O Suplício do Papai Noel”, de Lévi-Strauss. Os slides criados para aula podem ser acessados na minha conta na plataforma Canva. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFSDsx4aL8/Pmd_JpWGU2O-tzxBxFQsJA/view?utm_content=DAFSDsx4aL8&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink>

4.2 O desafio de avaliar

Assim como utilizaram suas experiências pessoais para estruturar a aula, as bolsistas optam por passar para os alunos uma tarefa avaliativa que também gostariam de fazer caso estivessem naquela posição. Tatiane comenta sobre a sua atividade avaliativa. “Pedi pra que eles procurassem exemplos de situações, próximas ou distantes, e fizessem uma relação sobre etnocentrismo e relativismo. De 27 alunos, pelo menos 24 me entregaram o texto”. Helen segue por uma linha parecida, também textual, mas com elementos audiovisuais ou literários. “A atividade era pegar um filme, série ou livro, qualquer coisa que eles quisessem, pra não ser algo tão regrado, e relacionar com o conteúdo de família. Eu vi que eles gostaram”. Camila escolheu outro formato, considerando as outras atividades que a turma tinha que entregar naquele trimestre. “Pedi para que eles fizessem uma charge, história em quadrinhos ou outro formato, poderiam desenhar, pintar ou recortar. A ideia é que relacionassem alguma situação cotidiana com a modernidade líquida”.

O resultado dos trabalhos entregues foi bom, no ponto de vista das bolsistas. Camila comenta sobre a diversidade de perspectivas. “Recebi charges interessantes, trabalhos com ideias diferentes. E isso demonstra que eles conseguiram entender o conteúdo e fiquei feliz porque todos entregaram”. A dificuldade está, realmente, em avaliar os trabalhos. Helen começa falando dessa questão, principalmente no sentido de não deixar claro os critérios avaliativos para a turma.

Teve uma menina que fez um texto de três páginas. Enquanto eu lia, já tava com ódio dela, porque era sobre um livro que eu tava lendo e levei um monte de *spoiler*. Ela escrevia tão bem, estava tão bom o texto, mas ela só relacionou com os tipos de família, não com todos os critérios que estabeleci. Me perguntei “será que dou quanto?”. Acho que os critérios da atividade não ficaram tão claros pra turma. Recebi textos de 15 linhas, que era o mínimo, e textos de 10 linhas. Valia 1 ponto e eu teria que dar 0,5 ou 0,3. A pessoa ia me odiar. Acho que é mais fácil corrigir uma prova, porque tem sempre uma resposta certa. Ali era uma coisa mais livre e subjetiva. Na minha cabeça a atividade tá clara, mas talvez pra eles eu tivesse que explicar mais. (Entrevista com Helen, em 8 de dezembro de 2022).

Dar uma nota baixa também foi motivo de “sofrimento” para Tatiane, que ficou com pena de dar uma nota inferior do que a média sete.

Eu também tive essas mesmas dificuldades pra fazer correção porque a maioria dos textos que li traziam textos muito legais, mas eu sentia falta da análise. Conseguia interpretar o que estavam dizendo, mas eles não entregaram de forma completa, com análise. Eu fiquei com esse medo de não ter explicado direito. Por sermos alunos e termos formas diferentes de fazer trabalho dos nossos colegas, a gente acaba esperando dos colegas o mesmo padrão que o nosso. Como a gente não tem experiência de professor, de entender a forma como cada aluno escreve, o que eles estão querendo dizer, a gente acaba se baseando muito no que a gente faria nesse trabalho. E aí esse acaba sendo, mesmo que sem querer, o principal critério de avaliação, o nosso ponto de vista pessoal. (Entrevista com Tatiane, em 8 de dezembro de 2022).

Camila conclui a entrevista, comentando seu ponto de vista. Para avaliar os trabalhos, criou uma tabela com todos os critérios avaliativos, descontando a partir da tabela. Em cada trabalho, colocou um recado, a nota e a tabela explicando os critérios e os descontos. No entanto, muitas dúvidas ainda percorriam seu pensamento sobre método de avaliação e notas. “Alguns trabalhos que deveriam explicar um pouco mais, mas eu não pedi um parágrafo explicativo, deveria ter pedido. Alguns achei bons, outros mal feitos. Estou pensando nas notas, mas realmente não sei”.

4.3 Impressões após a jornada

Nestes anos, o objetivo do Projeto de Sociologia para Adolescentes se manteve o mesmo: trazer os alunos para perto de temas sociológicos, para que entendam o histórico da disciplina, pensem metodologias e formas de trabalho, além de oportunizar o entendimento do que é dar uma aula. Ao revisitar meu Diário de campo, penso que é oportuno que os professores avaliem a edição deste ano e a trajetória do Projeto até aqui. Tento fazer o mesmo com os alunos bolsistas, a partir de um questionário online. O link da pesquisa online, com perguntas abertas e fechadas, foi compartilhado via grupo de WhatsApp no dia 12 de outubro. No entanto consegui a participação apenas de dois bolsistas. O questionário era em formato anônimo e compartilho aqui duas sugestões de melhoria para os próximos anos, iniciando sobre os materiais de leitura.

Os artigos longos são cansativos e difíceis de conciliar com o tempo de aula regular. Lendo os capítulos do livro Mundo em Descontrole, percebi que eram mais interessantes e melhores para meu desempenho, até mesmo para os debates nas reuniões.

A segunda observação, de outro bolsista anônimo, faz relação à integração e envolvimento do grupo. “Talvez as pessoas do projeto poderiam ser mais unidas. Acredito que poderia haver essa união para promover o conhecimento sociológico de uma maneira mais favorável”.

Neste sentido, a professora Aline, ao avaliar o grupo de 2022, tem o mesmo ponto de vista. Para ela o grupo teve apenas duas bolsistas mais comprometidas e mais engajadas, com um pouco mais de protagonismo. “É um grupo que não deu a liga. Eles não se enxergaram enquanto colegas que estão trabalhando juntos em um projeto. Eles se enxergaram como colegas de aula, vindo ter uma aula”. O professor Daniel concorda com este olhar.

É um grupo bem heterogêneo, porque temos alunos dos três anos. Em 2019 a gente tinha alunos só do 1º ano. E a partir de 2020 nós começamos a diversificar. Acho que eles não se identificaram como grupo, que na verdade é uma dificuldade de qualquer trabalho em grupo. Aquela velha história: um faz a introdução, um faz o desenvolvimento e outro a conclusão. Pela minha experiência, ter uma sincronia de todos se engajarem da mesma forma, é uma coisa muito difícil. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Mas não existem só pontos negativos na avaliação dos professores. Daniel avalia que, muitas vezes, os alunos bolsistas percebem coisas que os professores não estão atentos, como foi o caso deste ano.

A Helen, que deu a aula na minha disciplina sobre Família, pensou em uma atividade que, a princípio eu achei que seria muito simples, escolher uma série ou um filme que fale sobre família e relacionar com o conteúdo da aula. Basicamente isso. E eles gostaram muito, de poder falar de uma série que eles assistem e que tivesse relação com o conteúdo da aula e me surpreendeu muito. E é uma estratégia que eu vou adotar pro ano que vem. Então eu acho que eles trazem esse olhar de alunos que acaba faltando em nós, que obviamente não temos mais porque estamos em uma posição diferente. Tem coisas que eu faço em sala de aula hoje que foram sugestões de alunos, das próprias aulas que eles deram. Acho que esse é um aspecto positivo, e pelo contato mais próximo que a gente tem com alguns alunos a gente consegue pensar um pouco melhor na maneira de dar aula, nas estratégias de avaliação. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

Para a coordenadora do Projeto, existe um processo de coprodução da Sociologia, porque os alunos bolsistas, a cada edição, compartilham ideias novas, que são adaptadas ao longo dos anos no próprio Ensino Médio pelos professores de Sociologia. “Assim como a Tatiane e a Helen que trabalharam vídeos e filmes, teve

uma outra menina do ano passado que fez uma aula sobre política. Na apresentação ela usou cenas de filmes, séries, achei bem legal”. Outra sugestão de metodologia foi durante uma edição em que um aluno utilizou o livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, para fazer um debate. “Eu já fazia debate sobre esse livro, mas ele fez de outro jeito. Cada um escrevia uma pergunta e ele colocava todas numa caixa. Depois, cada sorteava e tinha que responder uma. Passei a usar isso também depois”.

Ainda sobre o desempenho dos bolsistas, Daniel também traz a questão da pandemia e alguns fatores que possam ter influenciado para o desempenho dos alunos nesta edição. A sobrecarga de trabalho e a pandemia são fatores que podem ter impactado negativamente.

Os alunos que entraram no 1º ano em 2022, entraram com lacunas muito grandes. Acho que isso também faz cair por terra qualquer expectativa de que o Ensino à Distância para o Ensino Médio seja algo positivo. Não é, e os próprios alunos falam sobre isso. Tem tanto uma lacuna de formação e uma lacuna deles ficarem tanto tempo isolados. Eu acho que agora eles querem namorar, querem conversar, querem interagir, querem ter esse contato físico, contato face a face e acho que isso acabou se sobrepondo com às obrigações com os estudos. Em várias turmas a gente percebeu isso. Eu sou professor conselheiro de uma turma e eles mesmos relataram isso. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

4.4 O Projeto e o futuro: outras possibilidades

A avaliação de Aline e de Daniel, mesmo que realizadas em momentos diferentes e individualmente, convergem para um mesmo movimento, o da mudança. Esta percepção acontece ainda antes da entrevista realizada com a professora Aline, por exemplo. Em muitos momentos, semanas após semanas, durante a minha participação no grupo e observações, a professora comentava sobre seus desejos para 2023, planejando alterações e dizendo, repetidas vezes algo como “ano que vem não vai ser assim”, “isso não pode acontecer ano que vem” ou “já tenho várias ideias pro próximo grupo”.

Durante a nossa entrevista, não consigo fazer a pergunta que tinha programado que era: “Para as próximas edições, o que pensa em fazer de diferente?”. Enquanto analisa o grupo de 2022, Aline segue no raciocínio e lista conclusões, como quem já havia refletido bastante sobre o assunto, ansiando por mudanças. Transcrevo abaixo, o trecho da entrevista para que nada se perca:

O que eu tenho pensado, e já troquei uma ideia com o Daniel, é continuar o projeto ano que vem, mas ter uma outra dinâmica. Ter uma reunião semanal, mas não com o propósito da gente conduzir. Precisa ter um momento em que eles vão se reunir entre eles, eles vão fazer algumas ações, eles vão discutir, sem a gente precisar estar junto. O protagonismo será para eles. Todos estão vindo muito na espera, como quem vai pra uma aula, espera o professor dar aula. Essa não é a ideia do Projeto. Outra coisa que eu quero trazer pro ano que vem é pra eles trabalharem em cima de questões do ENEM, fazer lista de questões de Sociologia e até mesmo fazer uma oficina pra discutir questões, simulados. Eles terão essa tarefa, enquanto monitores. Eu não tenho, e nem quero, estar aqui, cobrando. Mas aí tem que começar diferente desde o início. Na seleção, já vou dizer que vão ter essas tarefas. Farão oficinas, simulados, montarei um cronograma e vão ter que cumprir. No outro projeto que tenho, de política, eu tenho 6 bolsistas, eles voam. Eles estão com outra postura, mas aqui a coisa parece lenta. A seleção foi no mesmo formato, mas talvez o encaminhamento, de fazermos a reunião semanal, de estarmos sempre aqui, não funcionou. Eles vão precisar estar mais focados. Eu vou exigir que eles fiquem aqui, na quarta à tarde, quando eles não têm aula, que fiquem aqui, conversem, se olharem, pensem junto. (Entrevista com Aline, em 8 de dezembro de 2022).

Daniel compartilha do pensamento de que, para o próximo ano, é preciso repensar o Projeto, desde o objetivo até as atividades. “Como o Projeto é da Aline, eu sou participante, eu tento não interferir tanto, porque eu não sou o coordenador. Teria que pensar até o que a gente quer com o Projeto para 2023”. A sugestão principal de Daniel é reduzir o número de bolsistas, porque acaba sendo difícil orientar vários alunos – a partir disso, o trabalho como professor seria mais próximo. “Precisaríamos de tarefas mais bem definidas, uma cobrança maior. Com menos orientandos, isso se tornaria mais fácil. A Aline achou que não seria o caso de diminuir o número de bolsistas”.

Sobre a autonomia e protagonismo dos estudantes, os professores divergem neste ponto, como pode ser visto a seguir:

Uma coisa que eu noto: pra trabalhar com adolescentes, o professor tem que dar um norte, tem que definir tarefas, cobrar, ficar em cima, parece que eles mesmos demandam isso de nós. O que é um *saco*, porque muitas vezes a gente fica pensando “porque não faz sozinho?”. Eles têm autonomia, mas demandam da atenção, isso tem a ver com a própria fase, porque a autonomia que eles têm não é suficiente. Isso acaba dificultando o processo. O que acontece? Nós temos várias turmas, várias comissões, projetos, excesso de compromissos, e é difícil a gente ficar em cima do aluno dizendo “olha fulano, tem que fazer isso, tem que ter isso, entrega tua tarefa”. Então, no fim das contas, isso seria necessário pra ter um andamento melhor. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

A partir disso, pergunto o que mais Daniel faria de diferente para as próximas edições do Projeto.

Se fosse eu o coordenador, trabalharia com menos bolsistas, teria tarefas definidas. Que nem uma coisa que comentei com a Aline, eu sempre trabalho com um livro de literatura. Todos os anos tem uma leitura obrigatória. Já faz bastante tempo que eu trabalho com a Revolução dos Bichos no terceiro ano e no primeiro eu trabalho com O Estrangeiro porque eu acho um livro interessante pra discutir instituições sociais. Mas eventualmente eu gosto de mudar, eu não consigo ficar fazendo sempre a mesma coisa. De um ano para o outro eu sempre invento alguma coisa nova, modifico, e eu tenho pensado em trabalhar com outros livros. Então eu pensei que talvez uma coisa que pudesse ser feita seria pedir para os alunos lerem alguns livros que a gente definiria e pra eles a partir disso pensarem em uma proposta de trabalho relacionada a algum conteúdo. Claro que o professor, a partir disso, trabalharia em cima dessa proposta, mas pra ajudar de ter esse olhar do aluno. (Entrevista com Daniel, em 12 de dezembro de 2022).

5 De pesquisadora a professora: minha prática docente

Dia 29 de setembro de 2022. Essa é a data da primeira aula de Sociologia que dou na vida, para a turma do 2º ano do Ensino Médio – Técnico em Meio Ambiente. Começo dizendo aos alunos que estou bem nervosa, mas bem feliz em poder dar aula para eles. Já conhecia a turma, pois acompanhei eles durante o Estágio I de Observação, mas era a primeira vez que estava na frente de toda a turma. Todos os olhares voltados para mim, a professora estagiária, preparada para uma aula sobre Georg Simmel. Estructurei a aula em uma primeira parte prática, com um baralho Puxa Conversa de Sociologia²⁰, e uma segunda etapa teórica, com o apoio de slides. Quando concluo a aula, no mesmo momento em que o sinal bate para o intervalo, toda a turma bate palmas. É difícil segurar a emoção, um símbolo de uma pequena etapa inicial concluída, com o apoio e suporte dos próprios alunos e da professora supervisora de estágio da escola.

Antes de continuar o relato sobre a minha experiência de docência, é preciso contextualizar um pouco da minha vida acadêmica. O curso de Licenciatura em Ciências Sociais foi uma opção após a minha conclusão na pós-graduação em Comunicação Digital (UCS/PUCRS), em 2018. Naquele momento, a ideia era conectar o Jornalismo, minha primeira graduação concluída em 2012, ao universo digital, transpondo isso à sala de aula. Dessa forma, as Ciências Sociais ocupariam um papel de fio condutor da minha carreira, a fim de que o conhecimento pudesse ser realmente compartilhado e aplicado na escola e na comunidade.

A tarefa, que já era desafiadora, se tornou ainda maior durante o período da pandemia de Covid-19, com períodos mais críticos em 2020 e 2021. Apesar do curso ser na modalidade à distância, precisamos ficar muito tempo afastados do contato entre colegas, professores e familiares, tendo que dar continuidade aos estudos em meio às dificuldades. Mesmo assim, persistir no caminho, considerando o objetivo final, – de lecionar e de concluir a graduação – foi importante para criar a bagagem necessária para poder entrar em sala de aula em 2022.

²⁰ Para uma aula expositiva dialogada, criei um recurso didático de Baralho de Sociologia. Dei o nome de Puxa Conversa de Sociologia com temática da Sociologia Urbana. Os alunos se dividem em duplas: cada um retira uma carta do baralho e faz uma pergunta para o colega. Objetivo de fazer 3 rodadas de perguntas, trocando as duplas. Em seguida, cada aluno socializa a sua pergunta e responde.

Voltando um pouco mais no tempo, antes de iniciar as minhas atividades como professora estagiária, lembro como foi o meu próprio Ensino Médio. Estudei em uma escola particular em Bento Gonçalves, com Ensino Médio integrado a Ensino Técnico. Apesar do ensino ser de qualidade e excelência, em comparação a outras instituições, o ambiente escolar não era muito amigável. Durante três anos consecutivos no Ensino Médio, passei por experiência de bullying escolar e assédio moral dos colegas. Retornar para a sala de aula, como professora, seria um desafio. E eu soube disso assim que li a grade curricular de Licenciatura em Ciências Sociais – e optei por seguir e encarar o curso de frente.

O meu estágio de docência foi realizado no IFRS de Bento Gonçalves. O objetivo foi ministrar 24 horas de aulas de Sociologia, com o acompanhamento da professora Aline. Foram ministradas as aulas do componente curricular nas seguintes turmas: 1º ano do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente, 1º ano do Ensino Médio Técnico em Administração e 2º ano do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente. As turmas eram compostas, respectivamente, por 25, 22 e 17 alunos. A realização do estágio ocorreu de agosto a dezembro de 2022, período que coincide com a observação etnográfica na Escola, tema deste trabalho.

Para as turmas de 1º ano, trabalhei conteúdos de Cultura, Antropologia e Escolas Antropológicas. Por coincidência, foi o mesmo tema que a professora Aline trabalhou no seu estágio durante a licenciatura. No 2º ano, abordei sobre Sociologia Moderna, Sociologia e Contemporânea, passando por autores como Georg Simmel, Erving Goffman e Howard Becker.

Diante de todas as adversidades que envolvem a Sociologia, chegar em uma escola e observar alunos engajados, interessados, questionadores e, acima de tudo, críticos e conscientes, causa no mínimo um estranhamento. Durante pelo menos quatro anos como acadêmica do curso em Licenciatura de Ciências Sociais, ouvi sobre as dificuldades do ensino, desde a falta de qualificação de professores até o desinteresse dos alunos.

Os alunos das turmas em que dei aula no IFRS participam, fazem perguntas, pesquisam no celular alguma palavra que não conhecem e colaboram com o assunto, relacionam o tema com outros autores que já estudaram e, no geral, prestam atenção na aula. Claro, não é uma unanimidade – consegui perceber o desinteresse extremo por parte de alguns estudantes, conforme o perfil e a influência de cada turma. De

qualquer forma, o comportamento vai na contramão do que é relatado a partir de pesquisa com professores da rede de ensino básico no Estado do Rio Grande do Sul.

A segunda maior dificuldade apontada pelos professores respondentes foi a falta de formação específica do professor (32%), seguida pela falta de integração com outras disciplinas (12%), desinteresse dos alunos (11%) e falta de material didático adequado (9%). (MOCELIN; RAIZER, 2014, p. 118).

É possível verificar que o desinteresse não é uma realidade na maioria das turmas em que pude dar aula. No entanto, as três turmas tinham características bem diferentes, o que contribuiu para que eu pudesse ter uma experiência com vários perfis de turmas e alunos, ou seja, uma turma mais quietas e desinteressada, com apenas alguns alunos realmente interessados; uma turma mais agitada, mas com poucos alunos que destoam do todo; e uma turma de 2º ano mais madura, focada, com alunos envolvidos na disciplina e com poucos que não se interessam.

De acordo com Lopes Junior e Tomazi (2014), o desejo de conhecer é algo que deve ser construído no cotidiano do processo educativo, considerando sempre a empatia com os jovens que frequentam a sala de aula. O adolescente vai reagir ao que está acontecendo na mídia, no mundo, na televisão, cinema, entretenimento e *streamings*. “Ou revisamos nossas práticas cotidianas, mesmo nas aulas expositivas e impositivas, ou não cumprimos com o que nos caracteriza: educar e ensinar a pensar sociologicamente, isto é, fazer tudo para que nossos jovens criem asas e raízes.” (LOPES JUNIOR; TOMAZI, 2014, p. 75). É inevitável que alguns alunos, ao longo da aula, mexam no celular ou conversem em paralelo, mas esses momentos são bem isolados e, na maioria das vezes, consegui a atenção de todos a partir de exemplos do dia a dia, relatos de experiência e que faziam sentido com a rotina dos estudantes e com o assunto abordado em aula.

Transporto para as minhas aulas, a metodologia da pergunta de Freire (1985). Constantemente, usei perguntas norteadoras, e me preparei para as perguntas que poderiam surgir dos alunos. Esse foi um ponto bem desafiador: como professora, preciso me afastar um pouco do “roteiro” da minha aula, mantendo uma posição de escuta, compreensão e acolhimento, para fazer conexões com o conteúdo e também responder aos alunos. Este ponto fica exemplificado neste trecho do meu diário de campo de uma aula realizada na turma do 1º ano do Técnico em Administração:

“Na aula de hoje trabalhei com os alunos um pouco mais da parte teórica sobre Antropologia e Cultura, comentando um pouco sobre as escolas antropológicas e conceitos de Relativismo Cultural, Etnocentrismo e Etnografia. Esta aula foi na semana seguinte à atividade do Puxa Conversa de Sociologia que envolveu muito os estudantes. Para manter a atenção dos alunos, criando uma sequência didática interessante, criei uma apresentação de slides sobre o conteúdo da aula. Nos slides busquei colocar tópicos, algumas definições, deixando mais espaço para a minha fala, com exemplos da minha experiência e alguns exemplos sobre cultura e relativismo em uma perspectiva global. Sobre olhar etnocêntrico, comentei com os alunos sobre um dia em que fui entrevistar um agricultor familiar, produtor de queijo, localizado no interior de Carlos Barbosa. Na entrevista, questionei os motivos do agricultor não aumentar a produção dele, produzindo mais queijo colonial ou mais queijo coalho, em maior quantidade, para atingir mais consumidores, já que ele possui um mercado que lhe demanda mais produtos. O produtor me responde que para ele não é vantagem, porque ele teria que contratar mais pessoas, passar mais tempo trabalhando, e que para ele estava bom como estava, sem interesse em ganhar mais por isso. De certa forma, explico para os alunos, que no momento da entrevista, está o meu olhar etnocêntrico, de uma pergunta etnocêntrica, baseada na minha cultura e no que aprendi. Depois do meu relato, percebo que todos estão prestando atenção, e abro espaço para que eles tragam exemplos da vivência deles. Em seguida, continuo a apresentação e trago um exemplo sobre cultura e relativismo social, com base na mutilação genital em algumas culturas, com o case do filme “A flor do deserto”. A ideia de utilizar o filme surge a partir da observação etnográfica realizada para o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Novamente, se cria um debate em sala de aula, com muitas dúvidas, questionamentos, opiniões e indignação. Pergunto aos alunos qual seria o limite do relativismo social e com base nas respostas sigo com alguns pontos da teoria. Neste momento, uma aluna pergunta: “Profe, tenho uma pergunta, mutilação genital é crime?”. Parte da turma responde no meu lugar e começam a rir da pergunta. No entanto, consigo reagir rapidamente, criticando a turma: “Como assim, pessoal? Não curti vocês rindo. (*silêncio total da turma*). Respeito para a pergunta da colega, a pergunta dela é super válida. Vejam, pra gente é considerado crime, para a nossa cultura. Para eles, faz parte da cultura deles, é comum, e apesar de ser até proibido, muitos continuam praticando o ritual como forma de manter a tradição”. Depois disso, alguns alunos complementam a minha resposta e digo que eles podem perguntar sempre, sem medo. Antes de continuar, pergunto para a aluna se ficou claro. Ela confirma com a cabeça e faço um carinho no ombro dela, como forma de segurança e acolhimento. Continuo a aula e finalizo com um vídeo mais divertido, em tom humorístico, de sátira, sobre cultura”. (Diário de campo, 27 de outubro de 2022).

Utilizei o Estágio I, de observação, como base para a minha experiência de regência. Percebi que a professora titular sempre adaptava suas aulas conforme o interesse dos alunos – ao longo dos anos foi testando metodologias, recursos e didáticas, até ver o que funcionava ou não com os alunos e com turmas diferentes. Ela me relatou que o uso de slides, por exemplo, não funcionava com nenhuma turma. Aulas expositivas dialogadas ganham o espaço e servem como uma estratégia positiva para manter a atenção dos alunos. Diante disso, tenho o desafio da transposição didática e um questionamento permanente: como conduzir minhas aulas,

sem slides, apenas com metodologia expositiva dialogada, se não tenho toda bagagem teórica e domínio de sala de aula?

Entre as tarefas do professor, do educar, está a conversão do saber objetivo e acadêmico, em saber escolar. A forma de como traduzimos isso para a sala de aula é um norteador da transposição didática, para que o aluno possa se apropriar dos conteúdos e na reconstrução do saber. Para Batista Filho (2012), cabe à escola constituir indivíduos capazes de refletir e entender a realidade que os rodeia, por isso precisa se preparar para romper as velhas práticas docentes, baseadas na simples transmissão de conteúdo, sem conexão com o dia a dia dos estudantes.

A transformação do conhecimento científico, com fins de ensino e divulgação, não constitui simples adaptação ou uma simplificação do conhecimento, podendo ser analisada, então, na perspectiva de compreender a produção de novos saberes nesses processos. (BATISTA FILHO, 2012, p. 74).

Ao pensar em atividades, práticas, metodologias e na transposição didática em sua essência, percebo que estou um pouco longe desta vivência. Por isso, observo todas as turmas atentamente antes de iniciar meu planejamento de ensino e as aulas. Desta forma, pude compreender um pouco mais sobre cada perfil, pelo que se interessavam, suas referências e de que forma interagem com a professora titular.

Para que os alunos possam se apropriar do conhecimento culturalmente produzido e acumulado pela sociedade, é necessária uma organização do processo de ensino-aprendizagem, onde saber científico deve sofrer transformações adaptativas para se tornar o saber escolar, ou seja, torná-lo outro saber. O saber escolar é o saber que se origina a partir do ato científico. Mas, somente é possível analisar as possíveis perdas se conhecermos as principais características dessa diferença, que são: a linguagem, sua forma de apresentação e o produtor do conhecimento. (BATISTA FILHO, 2012, p. 75).

Quando penso nos materiais que produzi ao longo da graduação, como propostas de planos de aula para sequências didáticas, percebo que não conseguiria aproveitar nenhuma delas em sua totalidade em função do curto tempo de aula, do perfil dos alunos que teria em sala de aula e dos assuntos determinados em conjunto pela professora e eu. Precisaria, então, começar do zero. No meu planejamento, me comprometi em elaborar as atividades novas, aulas práticas e utilizar o recurso de

slides de forma atrativa. Abaixo, trecho do meu diário de campo após conversa com a professora supervisora:

“Estou refletindo como vou fazer para dar aulas sem slides, já que a professora Aline utiliza mais a metodologia de aula expositiva dialogada, com esquemas no quadro, pouco uso de livro didática e sem slides. Comento brevemente com ela, entre os intervalos de aula, sobre esta minha insegurança, já que não domino completamente os assuntos, ou seja, é a minha primeira experiência como professora. Ela comenta que não justamente porque os alunos não gostam, que ela verificou isso com o passar dos anos. Como usou muito no modelo online durante a pandemia, prefere, neste momento, fazer aulas mais dialogadas, com pouco recurso visual, até porque o período de aula é curto. Comento com ela que não vou ter outra alternativa a não ser mesclar prática com teoria e o uso de slides, por essa insegurança. Ela me apoia e diz que não tem problema, afirmando que prefere que eu use o slide do que perca o raciocínio em sala de aula”. (Diário de campo, 14 de setembro de 2022).

A partir dessas reflexões, consegui construir materiais práticos, como o Puxa Conversa de Sociologia, e aulas diferentes como a realizada no Salão de Atos²¹ com o 2º ano, ou a aula com post-its²² com as turmas de 1º ano. Também pude refutar a hipótese de que os alunos não gostam de slides ao criar apresentações de slides diferenciadas, coloridas, com memes e gifs, vídeos e bem objetivas, para criar uma interação. Ao final de cada aula em que eu utilizava os slides, recebia *feedbacks* positivos dos alunos, tanto em relação ao conteúdo como no *layout*. Foi possível verificar isso também na pesquisa que realizei com os alunos ao final do 3º trimestre. Abaixo, um destes depoimentos anônimos, da turma do 1º ano do Técnico em Administração.

²¹ Para a aula sobre “Interacionismo simbólico: Goffman e a teatralidade da vida”, reservei o Salão de Atos do IFRS. A aula foi dividida em parte prática e teórica. Recebi os estudantes com música e depois os separei em duplas. Cada dupla ganhava um “ingresso” e precisava encenar em um esquete uma situação do dia a dia, indicada no canto do ingresso. Os alunos toparam a proposta e reservei alguns minutos para que pudessem montar um pequeno roteiro e combinar as apresentações. Enquanto iam conversando, passei em cada dupla para verificar o andamento e dar algumas dicas, incentivando a pensarem em cenário, figurino, falas, objetivo (isso tudo teria relação com a parte teórica). Após as apresentações, mostrei o livro do Goffman “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, falei sobre o conceito de Teatralidade da Vida, relacionando com o que foi apresentado pelos estudantes.

²² Para aula sobre Funcionalismo, grudei no quadro algumas fotografias sobre Evolucionismo e Funcionalismo, além de imagens mais atuais. Distribuí post-its de três cores diferentes para a turma (rosa, verde e amarelo). Depois disso, convidei os alunos para se aproximarem do quadro, pensarem no que estão vendo e no que sentiam com as fotografias. Podiam escolher uma ou duas fotografias e colar o post-it em cima ou ao lado escrevendo uma frase ou palavra relacionada. Após esta prática, iniciei o conteúdo teórico. No quadro, o resultado foi um “mapa de calor”, onde pude perceber o que os alunos mais sabiam, dominavam sobre o assunto e se interessavam, a partir da quantidade de post-its em cada fotografia.

Amei as aulas ministradas pela Josi, muito querida e simpática. Consegui compreender muito bem os conteúdos pois as explicações foram muito boas. Os materiais usados para dar as aulas foram todos muito bons, com bastante interação. Também gosto muito da forma que a Josi fala, pois é de fácil entendimento.

Entre os pontos positivos que posso destacar, está a facilidade da comunicação e estruturação das aulas. Essas características acredito que aparecem em função do Jornalismo. A experiência em roteiro, apresentação, escrita e da área da Comunicação em si, foram grandes norteadores para a sala de aula. Apesar de não ser a mesma função, os saberes da comunicação foram importantes para conversar com os alunos, não só pela linguagem, mas pelo tom de voz, estrutura das aulas, roteiro e a forma das metodologias, interligando teoria e prática. Por dominar algumas técnicas de oratória e ter observado por um longo tempo as aulas da professora titular, pude ter o domínio das salas de aula com facilidade. Os constantes *feedbacks* dos alunos me motivaram a continuar a regência do Estágio II com mais tranquilidade e determinação. Em todas as turmas que lecionei, apliquei um questionário para que eles pudessem me avaliar. A avaliação que mais me emocionou, e que entra neste contexto, aparece na turma do 2º ano do Técnico em Meio Ambiente:

Achei uma professora que deu calma e estabilidade para as aulas. A parte visual como os slides, propostas de atividades e própria forma como ela se demonstrou presente para nós fez com que a admiração pela disciplina aumentasse. Mesmo com apenas um período por semana ela e outras dezessete matérias ela se tornou memorável nos proporcionando conhecimento. Adorei ser aluna da Josi.

Posso afirmar que a escolha pela Licenciatura em Ciências Sociais foi validada e concretizada apenas no Estágio de Docência, no exercício da profissão. Se antes existiam dúvidas sobre o ensino de Sociologia, desafios da profissão e o que realmente era ser professora, foi possível descobrir todos esses elementos na prática, a cada semana, a cada pergunta nova de um aluno, a cada comentário em sala de aula, nas interações no corredor e nos abraços sinceros. Além disso, as pequenas coisas que não estavam planejadas, o afeto pelos alunos e o vínculo estabelecido, fizeram a diferença.

Este foi apenas um recorte de toda a vivência, que com certeza não se esgota aqui. Ela também se manifesta no universo digital, nas interações que ainda tenho com os alunos via redes sociais, ou quando cruzo por um deles na rua. Ainda não me acostumei com os gritos de “profe” enquanto caminho próximo ao IFRS em Bento Gonçalves. Ao lembrar os momentos, surge na minha memória a fala de uma aluna do 1º ano do Técnico em Administração, depois do meu último dia de aula com a turma. “Profe, vou no banheiro rapidinho, mas tu me espera aqui, porque eu quero te dar um abraço antes de tu ir e agradecer por tudo?”.

Outro ponto que destaco é que, enquanto ensinava para a turma do 1º ano sobre Funcionalismo, com Malinowski, utilizava o mesmo autor como referência para este trabalho. A relação acontece como um ciclo, onde se ensina e se aprende. Tudo teve início com o acolhimento da professora Aline e foi impulsionado pelas palmas que recebi do 2º ano. Sem saberem, os alunos estavam me fornecendo o apoio que eu precisava e o carinho necessário para abandonar a adolescente que fui, ressignificar o ambiente escolar e assumir o papel de professora que tanto sonhei e construí nesses quatro anos de curso.

CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi construído a partir do relato e da vivência em torno do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. Durante aproximadamente treze semanas, pude acompanhar, observar e participar de um projeto de ensino que, em sua essência, busca manter a Sociologia ativa no ambiente escolar. Além de proporcionar momentos de estudo aprofundado da disciplina, possibilita um espaço para discussões sobre a sociedade em geral, melhorias no ensino e oportuniza vivenciar a docência de Sociologia, mesmo que por um dia. Junto com os professores envolvidos no projeto e com os cinco bolsistas que participaram da edição deste ano, fui construindo e fortalecendo meu olhar como cientista social, com o viés antropológico que a atividade exigia. Na medida em que as semanas passavam, pude observar docentes dedicados e dispostos a compartilhar conhecimento, ao mesmo tempo em que os estudantes se mostravam preocupados com a experiência de docência que encarariam pela frente. Ao chegar no final do trabalho de campo, posso pensar que, em certa medida, influenciei e apoiei, no limite das minhas atribuições de pesquisadora, o fazer docente das três alunas bolsistas que acompanhei, assim como posso afirmar que todos, até os que não permaneceram, contribuíram e moldaram a minha experiência de professora de Sociologia. As próprias ferramentas que as alunas utilizaram e sugeriram (Kahoot!, vídeo e sugestão de filme) utilizei na minha aula, gerando praticamente um círculo virtuoso de troca e aprendizado.

Antes de tudo, considerando as dificuldades que o ensino público atravessa, o IFRS confirma a Sociologia no currículo escolar, apesar da sua não obrigatoriedade. Os professores que fizeram parte deste trabalho têm a consciência do papel transformador da disciplina como uma ciência capaz de permitir que jovens e adultos pensem a realidade social, suas próprias relações, provoquem o estranhamento e a imaginação sociológica. Tanto de Aline, com sua carreira desviante, quanto Daniel, professor desde sempre, carregam a docência como uma vocação. É no jovem adolescente do Ensino Médio que está voltado o olhar de ambos, apesar dos perfis, história e ideias diferentes. O objetivo é o mesmo em sua essência: lutar pela permanência da Sociologia no currículo e permitir que os bolsistas do Projeto e,

consequentemente, a comunidade escolar, viva a Sociologia diariamente, sentindo sua presença transformadora pelo *campus*.

Está no papel dos professores que participam do Projeto de Ensino de Sociologia para Adolescentes a capacidade de compartilhar conhecimento com os jovens participantes, motivando debates e auxiliando nos novos desafios. Enquanto se preparam para dar uma aula, as bolsistas ensaiam e recebem sugestões de melhorias e, ao mesmo tempo, trocam saberes, assim como indica Freire (2021). “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Os professores confirmam isso ao criarem o cenário ideal e seguro para que as três alunas pudessem dar sua primeira aula de Sociologia. O espaço aberto foi utilizado pelos alunos com liberdade para sugestões, novas ideias e, principalmente, ambientes de escuta. Nesses momentos, as aflições, dúvidas e inseguranças sobre ensinar eram acolhidas e sobrepostas por palavras de encorajamento e inspiração, sem deixar de lado a seriedade, disciplina e compromisso assumidos pelos estudantes no Projeto. Dessa forma, Aline e Daniel cocriam o Ensino de Sociologia e aprendem, enquanto ensinam a ensinar.

Mesmo que o objetivo central do Projeto não esteja estritamente ligado à aula dos bolsistas, este é um dos principais fatores que fazem com que eles permaneçam. O interesse pela Sociologia acaba aparecendo em segundo plano, ofuscado pelo desejo e pela ousadia de se colocarem em frente a uma turma para dar aula. O espelho das três bolsistas reflete o modelo de aula dos dois professores de Sociologia, com um olhar que coloca o estudante em primeiro plano. Quero dizer com isso que, antes de pensar uma aula, Tatiane, Helen e Camila fazem o exercício individual de imaginar o que gostariam de ver de um professor, qual ritmo de fala preferem, qual linguagem seria ideal, quais as metodologias que mais funcionam e o que elas mesmas gostariam de fazer como atividade avaliativa se estivessem apenas na posição de alunas. Essa avaliação não é imposta e parte da própria autonomia das bolsistas, quase que como uma tarefa empática e de mão dupla, que percebe o papel de aluno e de professor. Ao sentirem na pele, como elas mesmas relataram, os desafios da profissão e a energia que a função exige, conseguem valorizar mais os professores, a Sociologia e o ensino, mas não deixam de ser alunas.

É por isso que, apesar de toda autonomia e liberdade que exerceram ao longo do Projeto, a responsabilidade é equivalente ao momento de vida em que estão. Não percebem que, ao mesmo tempo em que gostariam que os alunos fizessem mais

análises em seus trabalhos ou dialogassem mais, não criaram, ao longo do Projeto como bolsistas, análises mais elaboradas ou debates mais profundos. Autonomia é importante e precisa caminhar acompanhada da responsabilidade, sendo formada e adquirida pelos próprios estudantes. Quando existe a cobrança pelos professores, a responsabilidade perde força, assim como a autonomia. No mesmo sentido, é possível perceber o papel da pergunta como força motor das aulas das três alunas. A mobilização a partir de perguntas é o que dá dinamismo para as aulas, mantém os alunos conectados e permite a participação mútua, tanto dos alunos que emitem suas opiniões e pareceres, quanto das “professoras por um dia” que veem a interação como resultado positivo após tantas semanas de preparo.

Por fim, está a minha própria experiência como professora de Sociologia durante o estágio de regência. Compartilhei das mesmas dúvidas e inseguranças que as alunas bolsistas. Por vezes, esquecia do meu papel de pesquisadora, passando a ser totalmente ouvinte nos encontros, aprendendo junto com elas. Isso fica claro quando releio meu diário de campo: nos momentos em que mais estava envolvida com o grupo, menos anotações eu encontrava em meu caderno. “Como começar uma aula?”, “será que eles vão gostar” e depois “será que eles gostaram?”. Todas essas perguntas eu mesma me fiz e eu mesma respondi para as bolsistas, em momentos diferentes. Me percebo, realmente professora, quando Camila faz referência, durante a entrevista, sobre a minha aula, os slides e o jeito que expliquei a matéria. Concluo que ensinei a ensinar enquanto estava ensinando Sociologia. Eu também fazia parte do time de professores que elas se espelharam para dar aula, assim como elas fizeram parte de toda a minha trajetória como professora estagiária, seja nos momentos de inquietações, conquistas, trocas ou na simples perspectiva do olhar adolescente e que quer experimentar tudo.

Durante a minha etnografia, pude entrevistar os dois professores, tendo um convívio mais próximo com a professora Aline. Desse modo, pude conhecer sobre a vivência dos docentes do projeto, suas carreiras, o que os inspiravam e o que fazia com que seguissem o caminho da Sociologia. Reconheço na Aline o meu interesse em conversar com pessoas e a minha própria trajetória desviante, de jornalista para professora. No professor Daniel, relembro das dificuldades que tive no Ensino Médio e como isso molda a vida adulta. Nos dois, percebo a real importância dos professores na vida de adolescentes, tanto pelo impacto positivo ou negativo.

Dessa forma, busco como objetivo futuro, continuar estudando sobre o Ensino de Sociologia para Adolescentes, pesquisando sobre a disciplina no Ensino Médio e lutando pela sua permanência no currículo escolar brasileiro. Além disso, busco me aprofundar mais nas metodologias de ensino e sobre a transposição didática, por perceber como estas fazem a diferença na docência. Como próxima etapa, pretendo compartilhar os resultados desta pesquisa, apresentando o trabalho aos professores envolvidos no Projeto de Ensino para que, a partir deste olhar etnográfico, possam aprimorar as próximas edições com base em diferentes perspectivas.

Assim, finalizo este trabalho como quem experencia um momento importante da vida e tem certeza de que este terá impacto positivo no futuro. A pesquisa de campo, realizada após longo período de ensino totalmente à distância em função da pandemia, deu sentido ao papel de pesquisadora. O estágio de regência e o contato com todos os alunos, de todas as turmas que frequentei, deram forma ao meu eu professora. O sentimento é de que o trabalho não encerra aqui, está apenas iniciando.

REFERÊNCIAS

BATISTA FILHO, A. R. et. al. **Transposição Didática no Ensino de Ciências – facetas de uma escola do campo de Parintins AM**. Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Areté, Manaus, jan-jul 2012. v. 5, n. 8. p.71-82.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. 2008b. **Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm> Acesso em: 20 dez. 2022.

BRASIL. 2017. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (...). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm> Acesso em: 20 dez. 2022.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. (Título original *Éducation et sociologie*, de 1922). In: FILLOUX, Jean-Claude. Émile Durkheim. Tradução: Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique Russo. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 148 p.: il. – (Coleção Educadores)

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo, Editora Nacional, 1972.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FILLOUX, Jean-Claude. **Émile Durkheim**. Tradução: Celso do Prado Ferraz de Carvalho, Miguel Henrique Russo. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 148 p.: il. – (Coleção Educadores)

GIDDENS, A. **Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e réplicas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

LOPES JUNIOR, Edmilson; TOMAZI, Nelson Dácio. **Uma angústia e duas reflexões**. In: Lejeune Mato Grosso de Carvalho. (Org.). Sociologia e ensino em debate. Ijuí (RS): Editora UNIJUI, 2004, v. p. 61-76.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Coral Gardens and Theis Magic**, vol. I, 1965, p. 317.

MAZUCATO, Thiago; ZAMBELLO, Aline. et. al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução**. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). Currículo, cultura e sociedade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 7-37.

MICHELAT, Guy. **Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia**. In: THIOLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.

MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro. **Ensino da Sociologia no Rio Grande do Sul: histórico da disciplina, formação do professor e finalidade pedagógica**. Revista Brasileira de Sociologia. Vol. 02, n. 03, jan-jun de 2014. p. 101-127.

PERALVA, Angelina Teixeira e SPOSITO, Marília Pontes. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. [Entrevista com François Dubet]**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1997.

SILVA, Ileizi L. F.. **A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina**. Natal: Revista Cronos. v. 8, p. 403-427, 2007.

VALLE, Ione Ribeiro. **Sociologia da educação: currículo e saberes escolares** / Ione Ribeiro Valle. 2. ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. 116 p.